

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“SEJA HOMEM!”: CONSTRUÇÃO DE
MASCULINIDADE NA REVISTA *MEN’S HEALTH*
BRASIL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rebeca Bruno da Silva Seixas

Santa Maria, RS, Brasil

2012

**“SEJA HOMEM!”: CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADE NA
REVISTA *MEN’S HEALTH* BRASIL**

por

Rebeca Bruno da Silva Seixas

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Fátima Perurena

Santa Maria, RS, Brasil

2012

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**“SEJA HOMEM!”: CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES NA
REVISTA *MEN’S HEALTH* BRASIL**

elaborada por
Rebeca Bruno da Silva Seixas

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

COMISSÃO EXAMINADORA:

Fátima Perurena, Dra.
(Presidente/Orientador)

Romeu Gomes, Dr. (FioCruz)

Débora Krischke Leitão, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 30 de março de 2012.

DEDICATÓRIA

A “mainha”, Davi e “painho”, vocês são minha família de carne.
A todos os outros que compõem minha família de escolha, cada um
essencial à sua maneira.

AGRADECIMENTOS

Qualquer agradecimento em relação à execução desta dissertação deve ser iniciada pela minha “mainha” Zenóbia. Por todas as vezes que me aguentou com dúvidas, inseguranças, despesas e aventuras. Tu és a pessoa mais especial para mim e a ti devo tudo que sou e serei daqui pra frente. Não é à toa que todos querem ser seus filhos!

Ao meu namorado Guilherme, que, além do seu 1,80m que me abraça e me deixa mais feliz cada vez que sorri, foi uma rocha em todo esse processo, sendo um perfeito companheiro na construção da tranquilidade que tanto precisei para chegar até aqui.

A minhas amigas de dancinhas coreografadas e noites de bate-papo Sara, Fefa, Livia, Manu, Vanessa e mais alguém que provavelmente acabarei me esquecendo de citar...Mas amo também!

À Universidade Federal de Santa Maria, por ter sido o lugar onde me achei e que não quero mais viver sem. Vou voltar!

Às minhas “bichas susadas” mais queridas! Pelas risadas nos momentos que precisava relaxar para manter a sanidade, pelas rodadas de UNO e pelos “+4” que precisaram ser superados para que mantivéssemos nossa profunda e incrível amizade.

Às minhas “poias”, Graci, Jusi, Tainá, Dani (e, por tabela, a Suby) que ajudaram muito nesses anos de mestrado, dando dicas, indicando bibliografias, viajando para concursos e dando risadas, muitas risadas.

Aos meus outros tantos colegas maravilhosos, de Universidade e de moradias: Cris, Camila, Márcia, Tchesco (meu eterno marido), Patrícia, Bafo, que suportaram anos de convivência por vezes estressante (não esqueçam de apagar a luz!).

À minha orientadora Fátima, que sempre foi muito paciente com a minha visão particular sobre o tempo.

Ao meu amigo Fabrício, nunca alguém me cativou tão rápido na vida. Caronas culturais para Porto Alegre sempre serão nosso ritual, consoante diálogo a seguir. Eu: - Quero ouvir o Abbey Road! Ele: - Mas eu tenho aqui o novo cd do Wilco.... Nós: - *Here comes the Sun King / Here comes the Sun King / Everyboby's laughing / Everybody's is happy / Here comes the Sun King...*

E a um mundo de gente que convivi durante a graduação e mestrado em Ciências Sociais: Jane, Francis, Zu, Ju, Mari.

Todos vocês são essenciais!

EPÍGRAFE

“Um dia, vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter....”
(Super-Homem, a Canção – Gilberto Gil)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

“SEJA HOMEM!”: CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADE NA REVISTA *MEN’S HEALTH* BRASIL

AUTORA: REBECA BRUNO DA SILVA SEIXAS

ORIENTADOR: FÁTIMA PERURENA

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 30 de março de 2012.

O objetivo desta pesquisa foi a percepção do modelo de masculinidade predominante no conteúdo da revista *Men’s Health* Brasil e como este é transmitido através de seu conteúdo. Diante da crescente segmentação do mercado de revistas e o crescimento do número de veículos que abordam a questão do corpo e da saúde, esta publicação apresenta-se de maneira diferenciada, na medida em que escapa ao modelo tradicional da revista masculina, uma vez que traz em seu conteúdo uma série de elementos que, após análise, identifiquei como componentes de um roteiro de construção de um modelo de masculinidade ideal, formado por uma visão bastante clara do que um homem saudável e bem-sucedido (na vida pessoal e social) deve ser. Sob o *slogan* “Viver melhor é fácil”, a publicação orienta, com base em discursos-verdade legitimados principalmente na esfera do conhecimento científico (como pesquisas de universidades diversas e participação de profissionais de diversas áreas na elaboração das matérias), a construção da masculinidade de seus leitores, esclarecendo-os em diversas áreas da experiência masculina, desde o cuidado do corpo e sua formatação até o seu convívio com mulheres e outros homens. Na lapidação deste modelo ideal de ser homem, *Men’s Health* traz também uma série de valores acerca do que é ser homem, os quais concernem à necessidade de ser viril, competitivo, saudável, “bom de cama”, independente e controlador de seu mundo. Não por coincidência, todos esses aspectos guardam forte aproximação com elementos já abordados pela teoria de gênero como pertencentes ao modelo patriarcal de masculinidade. Através das produções teóricas de Michel Foucault sobre disciplina, norma e corpo e da complementação à sua teoria proposta por Anthony Giddens, que trata da corporificação identitária reflexiva, busquei compreender como a revista em questão elabora seu discurso de forma a “moldar” seu leitor a uma norma aceita mundialmente (uma vez que a publicação está presente em diversos países) relativa a uma masculinidade hegemônica. Esta, por sua vez, como propõe Robert/Raewyn Connell, é construída através de processos de socialização do acesso aos meios de comunicação, que demonstram uma masculinidade que se afirma na diferenciação de outros arranjos de masculinidade, no caso de *Men’s Health*, de masculinidades dos homens que não se encaixam no modelo físico propagandeado pela revista.

Palavras-chave: Construção de Masculinidade(s). Corpo. *Men’s Health*.

ABSTRACT

Master's Dissertation
Graduate Program in Social Sciences
Federal University of Santa Maria

“BE A MAN!”: MASCULINITY CONSTRUCTION IN MEN’S HEALTH BRAZIL MAGAZINE

AUTHOR: REBECA BRUNO DA SILVA SEIXAS

ADVISOR: FÁTIMA PERURENA

Place and Date of Defense: Santa Maria, March 30th 2012.

The objective of this research was the perception of the masculinity role model which is predominant in the content from Men’s Health Brazil magazine and how it is transmitted through such content. Considering the increasing segmentation of the magazine market and the rising number of vehicles that approach the issue of body and health, this publication is presented in a different way as it escapes from the traditional model for men’s magazines once it grasps a series of elements which, after analysis, have been identified as components of a construction script for an ideal masculinity model, cast by a quite clear view of what a healthy and successful man should be like (in his personal and social life). With the slogan “Living better is easy”, the publication guides the construction of its readers’ masculinity based on truth-speeches mainly legitimated in the sphere of scientific knowledge (such as researches from different universities and the collaboration of professionals from various areas in the elaboration of articles), instructing its readers in several areas from the male experience, from body care and its figure to their everyday living with women and other men. In shaping this ideal model of being a man, Men’s Health also brings a series of values on what it is to be a man, which concern the necessity of being virile, competitive, healthy, “good in bed”, independent and owner of their world. Notwithstanding all of these aspects hold a close approximation to elements that have already been approached by gender theory as belonging to the patriarchal masculinity model. Through the theoretical productions of Michel Foucault on discipline, norm and body and from the complementing to his theory proposed by Anthony Giddens, which is about the reflexive identity embodiment, I have sought to understand how the magazine elaborates its speech in a way that it “shapes” the reader into a worldwide accepted standard (once this publication is available in several countries) in relation to a hegemonic masculinity. The latter, on its own, as proposed by Robert/Raewyn Connell, is constructed through processes of socialization of the access to means of communication, which exhibit a masculinity that is stated in the differentiation of other masculinity assortments, in the case of Men’s Health, the masculinity of men who do not fit in the physical model advertised by the magazine.

Keywords: Masculinity Construction. Body. Men’s Health.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Quantidade de anúncios sobre moda e cosméticos em relação ao total de páginas e anúncios em cada edição do ano de 2011.....	24
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A ortopedia ou a arte de prevenir e corrigir, nas crianças, as deformidades do corpo. FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. p. XX.....	65
Figura 2 - Capas das edições de Janeiro de 2011, Abril de 2011 e Novembro de 2011.....	76
Figura 3 – Pôster da edição nº 58, Fevereiro de 2011.....	77
Figura 4 – Seção <i>Mixer</i> do nº 57, Janeiro de 2011, p. 18.....	79
Figura 5 – Seção <i>Mixer</i> do nº 59, Março de 2011, p. 39.....	80
Figura 6 – Seção <i>Mixer</i> , do nº 58, Fevereiro de 2011, p. 21.....	81
Figura 7 – Seção <i>Mixer</i> , do nº 65, Setembro de 2011, p. 40.....	84
Figura 8 – nº 57, Janeiro de 2011, p. 59.....	86

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
LISTA DE FIGURAS.....	8
LISTA DE TABELAS.....	9
SUMÁRIO.....	10
INTRODUÇÃO.....	Erro! Indicador não definido.1
CAPÍTULO 1.....	14
1.1 Breve panorama da consolidação do mercado editorial de revistas no Brasil.....	15
1.2 Estilos de vida e corporeidades.....	22
1.3 <i>Men's Health</i> : escrevendo para “novos homens”.....	26
1.4 Controle do corpo e construção de masculinidades.....	29
1.5 Como li <i>Men's Health</i>	32
CAPÍTULO 2.....	37
2.1 Gênero e homens: para além da biologia.....	37
2.2 Breve resgate dos estudos de gênero.....	39
2.3 <i>Men's Studies</i> : os estudos sobre as masculinidades.....	44
2.3.1 As masculinidades como ciência.....	44
2.3.2 As masculinidades sob o olhar das Ciências Humanas.....	47
2.4 Organização social e política das masculinidades.....	52
2.4.1 Gênero enquanto estrutura das práticas sociais.....	55
CAPÍTULO 3.....	59
3.1 Discussões sobre masculinidades e corporalidades.....	60
3.2 Por que não podemos escapar ao corpo?.....	63
3.3 Construção de masculinidades, construção de corpos masculinos.....	67
3.4 Relações entre masculinidades.....	69
3.4.1 Hegemonia.....	70
3.4.2 Subordinação.....	71
3.4.3 Cumplicidade.....	72
3.5 “Corpo de homem”.....	72
CAPÍTULO 4.....	75
4.1 Sexo, amor e relacionamento.....	82
4.2 Saúde de ferro: resistindo a tudo!.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94

INTRODUÇÃO

Sempre fui uma criança interessadíssima em leituras acerca de qualquer coisa. Gosto de brincar que não tive *Barbie's*, mas tive livros. Assim, ao chegar à adolescência, este meu gosto pré-existente acabou me direcionando para o mundo das revistas, uma literatura mais simples e direta que me permitia conciliar com as leituras da escola.

É uma coisa engraçada essa literatura que se faz na adolescência. Lembro que minha mãe me deu a assinatura da revista *Capricho*, que, à época, já tinha se consolidado como a principal revista *teen*, pelo menos nas estatísticas da minha escola. E eu a esperava, mensalmente, ansiosa para saber quais as sugestões para conquistar aquele garoto que estava a fim, ou saber manter o hálito refrescante para que o primeiro beijo fosse inesquecível... Enfim! Minha grande expectativa é que naquela edição eu obtivesse resposta a tantas dúvidas que permeavam meu processo de “enmulheramento”. Esta minha relação com a mídia *teen* guarda profunda ligação com a escolha da temática desta pesquisa.

Iniciei o contato com a temática do corpo e da mídia impressa já no meu trabalho de conclusão de curso, quando procurei estabelecer uma análise comparativa dos discursos sobre corpo, beleza e saúde entre as edições brasileiras de *Men's Health* e *Women's Health*. Uma das minhas conclusões apontava para a maior facilidade da primeira em passar uma mensagem mais fechada e aceita, uma vez que uma mesma imagem era divulgada em vários países, para seu público leitor. Ao ingressar no Mestrado em Ciências Sociais, comecei a amadurecer, então, a possibilidade de, a exemplo da revista *Capricho* para mim, alguns homens buscar orientações para guiar seu processo de consolidação da pessoa física e emocional enquanto homem.

Ao contrário da maioria das revistas masculinas no mercado, como *Playboy* (a maior em termos de tiragem), *Men's Health* vai além da concepção de um estilo hedonista de ser homem e da construção de sua experiência masculina apenas na esfera da relação carnal entre homens e mulheres. Esta publicação segue o exemplo das já consolidadas revistas femininas, como *Corpo a Corpo*, *Cláudia* e *Nova*, na confecção de um periódico sobre corpo e universo masculino. Sua divisão interna, inclusive, lembra bastante a adotada por essas publicações.

A justificativa para tamanha abrangência temática, segundo o próprio editor da versão americana, reside na concepção de que construir uma vida melhor, para os homens, significa abordar várias áreas da vida, por isso a associação da boa saúde com bom sexo, boa alimentação, bom trabalho, bem vestir-se e assim por diante. Dessa forma, imagino que *Men's Health* represente para os homens adultos o que mesmo que *Capricho* representou para mim durante a adolescência.

O surgimento da revista nos Estados Unidos veio acompanhado tanto do crescimento da prática e da mídia sobre atividade/exercício físico, quanto dos debates que permeavam a consolidação de um novo homem ou resgate de uma determinada forma de sê-lo. Para alguns autores, como Badinter (1992) e Nolasco (1993), esse novo homem representaria alguém conciliado e, dada a vazão desta percepção, imaginei que fosse a ele que *Men's Health* se referiria. Desta maneira, em um momento de tamanha instabilidade e fragmentação (FEATHERSTONE, 2007), é bastante lógico que uma publicação, como a analisada nesta pesquisa, ocupe espaço enquanto fonte de informação e orientação.

Assim como para as feminilidades, as diversas maneiras de ser homem, ou masculinidades, apresentam-se como configurações de prática reais que se referem às posições ocupadas pelos homens nas relações de gênero (CONNELL, 1995). As masculinidades são, assim, plurais e cultivadas pelos aspectos culturais tanto da sociedade quanto do indivíduo, suscetível ao tempo e ao espaço (KIMMEL, 1998, p. 106). Estas posições estão intimamente ligadas com suas percepções de mundo, de seu contexto, bem como o trabalho que exercem sobre seus corpos. Sendo assim, a compreensão de que tipo de masculinidade a revista valoriza e auxilia a construir remete a um modelo (dentre tantos possíveis) de masculinidade cujos componentes são mais ou menos valorizados em determinada sociedade, neste caso, na sociedade brasileira.

A possibilidade da incorporação da dimensão valorativa da sociedade foi trabalhada por Michel Foucault (1975 [2011]; 1976 [2011]) ao tratar do processo das instituições como o Estado, a Medicina e a Igreja em conformar os indivíduos segundo os seus parâmetros de poder, saúde e moral, respectivamente. Deste modo, procurei perceber, na esfera da construção de masculinidades, através da leitura da revista *Men's Health*, a possibilidade de adequação do leitor a uma forma física e visão do mundo valorizada no conteúdo da revista, cujos instrumentos de

inculcação acabariam por criar corpos dóceis e receptivos à sua percepção do exercício constitutivo do que é ser homem.

Contudo, a teorização de Foucault em boa parte remete a momentos históricos em que as relações de poder entre os indivíduos eram extremamente marcadas pela autoridade de uns sobre os outros de maneira tão firme que não havia espaço para a reflexão e/ou posicionamento das pessoas a respeito da realidade em que se encontravam. Para auxiliar neste ponto, utilizei a extrapolação (não contestação, como o próprio autor clarifica) de Anthony Giddens (2002) para compreender a utilização do corpo enquanto espaço de reprodução das relações sociais e de constituição de identidade.

Para o autor, esse processo deve ser entendido enquanto busca dos indivíduos por uma identidade que satisfaça seus anseios individuais, mas que também viabilize sua inserção social. Assim, dentro do que a revista apresenta mensalmente, os leitores acessam e refletem de forma a constituir sua própria concepção do que é ser homem, como este pensa e age. O que generaliza os leitores de *Men's Health* e acaba por torná-los um grande grupo, que garante a tiragem da revista e a escolha das temáticas a cada número, é que, de alguma maneira, as pessoas acabam, por aproximação, elencando uma série de prioridades e estratégias semelhantes que as constitui enquanto alvo da publicação.

Sob a ótica de *Men's Health*, a construção do homem se dá principalmente na lapidação de seu corpo e nos relacionamentos com as mulheres. As dicas relativas à moda e estilo ocupam um lugar auxiliar, que apenas confirma a centralidade do discurso da revista no homem.

Nesse sentido, a minha hipótese principal é que a revista, através de suas dicas sobre corpo, saúde, relacionamentos, na verdade, traz o modelo de uma masculinidade que considera ideal, e seus textos seriam os instrumentos para valorizar o rol de elementos que compõem essa masculinidade que têm como ideal.

Como primeira impressão, o discurso de *Men's Health* me pareceu claramente associado aos elementos constitutivos do modelo patriarcal assim como definidos por Allan Johnson (1997 [2005]) e reforçados na análise de Heleieth Saffioti (2004). Desse modo, como aproximação inicial, busquei perceber os elementos da publicação que reforçam a identificação com o universo simbólico masculino, os quais remetem à normalidade que consolida uma visão amplamente

aceita do que é ser homem. Com este intuito, a trajetória desta pesquisa foi traçada da maneira que segue:

No primeiro capítulo, a discussão gira em torno da consolidação do mercado de revistas brasileiro e sua trajetória de segmentação influenciada pelo gênero dos leitores. A partir desta discussão, foi abordada a importância destes meios como forma de consolidação do reconhecimento de si e da consequente prática ao redor desse pertencimento, culminando com a construção do estilo de vida individual.

Em sequência, o segundo capítulo apresenta um resgate dos estudos de gênero, focalizando a consolidação do campo de pesquisa sobre homens enquanto seres generificados, que cimentou a concepção que os estudos de gênero não podem ser confundidos com estudos sobre mulheres. Com este propósito, o capítulo retoma as discussões sociobiológicas, passando pela teoria dos papéis sexuais para atingir a compreensão de que, na medida em que cada sociedade apresenta uma visão sobre masculinidades e feminilidades, os estudos sobre homens devem contemplar uma dimensão também organizacional e estruturada das práticas sociais dos sujeitos generificados.

O capítulo terceiro aprofunda a correlação entre a construção cultural dos gêneros e a prática corporal presente tanto nos esportes, quanto nas atividades físicas livres, de modo a clarificar que estas práticas estão carregadas de significações culturais e, assim, costumam querer dizer algo mais além do que está exposto.

E, finalmente, o último capítulo traz a discussão de matérias publicadas na revista *Men's Health* durante todo o ano de 2011, delimitado o *corpus* da pesquisa em doze edições. No processo de análise, foi empregado o método de coleta de dados que priorizou os elementos principais para a interpretação da carga semântica dos textos, e buscou identificar os aspectos que poderiam ser lidos como exposição de um modelo de masculinidade valorizado pela publicação.

CAPÍTULO 1

Já se tornou lugar comum dizer que a mídia influencia comportamentos e escolhas dos indivíduos. Atualmente, sabe-se bem que a visibilidade conferida a determinados assuntos através dos veículos midiáticos interfere diretamente na produção pessoal de sentidos sobre a realidade. Um importante campo desta produção de sentidos refere-se aos temas tratados dentro do segmento sobre beleza e saúde.

Inicialmente voltadas para o público feminino, as mídias especializadas em tais assuntos caracterizam-se em um oásis de conforto e reciclagem de informações em um momento social que ainda se apresenta fortemente instável e sujeito a tantas efemeridades contemporâneas. Como aponta Stuart Hall (2003):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (p. 8).

As bases que o autor diagnostica como instáveis são as mesmas que iniciaram os processos de segmentação do mercado global e do mercado de mídia impressa.

A partir das novas concepções sobre gênero, inclusive perpassando o surgimento político e social desta categoria, como aponta Carole Pateman (1993), novas percepções de si são fomentadas. Igualmente, o mercado editorial se torna mais especializado em tratar desses novos temas. Neste trabalho, tratarei do veículo midiático (revista) que direciona sua produção para a saúde do homem, e que, ao adotar uma perspectiva mais abrangente do que vem a ser saúde, acaba por delimitar todo um estilo de “ser homem”: *Men’s Health*.

1.1 Breve panorama da consolidação do mercado editorial de revistas no Brasil

Pensar o mercado editorial brasileiro e sua atual segmentação é, primeiramente, refletir sobre sua conjuntura de surgimento e seu decorrente processo de segmentação. Para tanto, traçarei uma breve contextualização deste setor no Brasil.

Com a instalação da imprensa régia no Brasil (e a consequente autorização para o funcionamento de tipografias e a publicação de jornais), em 1808, surgiu em Salvador, quatro anos depois, a primeira revista brasileira: *As Variedades ou Ensaio de Literatura* (SCALZO, 2003, p.27), a qual trazia textos “sobre costumes e virtudes sociais, algumas novelas de escolhido gosto e moral, extratos de história antiga e moderna, nacional ou estrangeira, resumo de viagens, pedaços de autores clássicos portugueses”. Percebe-se neste momento a relação íntima com o que era produzido no mercado editorial europeu à época. Ainda assim, havia uma preocupação em formar o gosto pela leitura no Brasil, que, à época, de colônia portuguesa foi elevado ao *status* de Reino Unido de Portugal-Brasil-Algarves através da divulgação de estudos científicos e da discussão da importância de descobertas filosóficas.

Já em 1813, a elite intelectual brasileira da época volta parte de sua atenção para a divulgação de autores e temas nacionais através da revista *O Patriota*. O crescimento desta mesma elite propiciou o surgimento de outros periódicos de conteúdo mais direcionado, principalmente, à população de bacharéis de direito, engenheiros, médicos e outros profissionais liberais que começam a atuar no Brasil, em especial após a independência em 1822. É deste período pós-Independência a primeira revista segmentada por tema no Brasil: *O Propagador das Ciências Médicas*, lançada pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro em 1827.

No mesmo ano, surge a primeira revista destinada especificamente ao público feminino, a *Espelho de Diamantino*. A publicação era composta por temas como literatura, artes, teatro, política, moda, crônicas e anedotas, escritos de forma simples e didática, com a intenção de “deixar a mulher à altura da civilização e de seus progressos”¹ (SCALZO, 2003, p.28).

Mais próximas à virada do século XIX para o século XX, as revistas “galantes”, voltadas exclusivamente para o público masculino, discutiam política, sociedade, piadas, caricaturas, desenhos, contos e fotos eróticas. A primeira revista neste estilo também foi lançada no Rio de Janeiro, em 1898. Todavia, ainda segundo Marília Scalzo (p.30), o ápice de publicações deste tipo se deu em 1922, com a revista *A Maçã*, “que se propõe a dizer com graça, com arte, com literatura, o

¹ **Infelizmente**, não pude ter acesso a qualquer edição da revista *Espelho de Diamantino*, pois seus raros exemplares estão apenas disponíveis no Rio de Janeiro. Fiquei particularmente curiosa com a seleção dos conteúdos abordados pela revista e me questiono sobre como poderia se dar a simplicidade e o didatismo dos textos.

que se costumava dizer por toda parte sem literatura, sem arte, e muitas vezes sem graça”².

Contudo, uma particularidade atravessava todas as existências de revistas desse primeiro momento da imprensa nacional, independentemente de conteúdo e público-alvo: sua curta vida. Como apontam Batista e Abreu (s/d, p. 3)³, a falta de recursos e assinantes fez com que a grande maioria das revistas circulasse apenas uma ou duas vezes, enquanto as mais bem sucedidas duraram no máximo dois anos.

A primeira real tentativa de uma revista brasileira “antenada” veio com o lançamento de *O Cruzeiro* (1928 – 1975). Gestada pelo jornalista Assis Chateaubriand, ao implantar novas técnicas na elaboração de anúncios, uso massivo de recursos de imagem (fotografias e fotorreportagens) e matérias de amplo espectro de assuntos, trouxe para o Brasil a primeira revista com declarada referência aos métodos de divulgação praticados nos Estados Unidos e Europa, em especial a *Paris Match*, na França (Batista e Abreu, s/d, p. 8).

Tal configuração de produção e distribuição da revista levou os anunciantes a disputar as páginas de *O Cruzeiro* para comprar os melhores espaços publicitários, o que, por sua vez, garantiu à revista circulação mensal com abrangência nacional, com público fiel de homens e mulheres, moradores de grandes e pequenas cidades, e cuja projeção alcançava Norte e Sul do país.

Já na década de 60, esse tipo de publicação, que busca abranger a todos os gostos, começa a se transformar, o que, na década seguinte, leva ao encerramento das atividades de várias publicações, inclusive de *O Cruzeiro* (1975), devido à consolidação de revistas cada vez mais especializadas e à instantaneidade massiva da mídia televisiva.

Esse processo de modernização do mercado editorial de revistas se desenvolve no Brasil, principalmente, através da Editora Abril e suas publicações. Mesmo hoje, não é preciso ir muito além das gôndolas de uma banca de revistas para perceber que a Editora Abril é uma das grandes responsáveis pela consolidação de praticamente todos os modelos de revistas segmentadas mundializados: os quadrinhos Disney, as fotonovelas, as revistas femininas,

² Esse tipo de preocupação e a maneira interessante e descontraída de discutir temas sérios também será uma das preocupações do fundador da *Playboy*, Hugh Hefner (Peterson, 1964).

³ Fonte: <http://www.bocc.uff.br/pag/batista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>

masculinas, de informação, de negócios, de esportes e outras ainda mais específicas.

Essa “especialização” por gostos e temas no mercado editorial brasileiro, assim como abordado por Adorno e Horkheimer (1999), quando afirmam, em *Dialética do Esclarecimento*, que o mercado divide seu público em segmentos como forma de melhor se adequar a suas demandas e preferências para dentro de cada segmento encontrar, novamente, a homogeneidade do público, indica que a segmentação do mercado editorial de revistas pode ser visto como mais uma manifestação do processo de “pseudo-indivuação” promovido pela cultura de massas, em que cada leitor passa a ser visto como um consumidor em potencial, e as editoras de revistas se tornam, assim, especialistas em grupos de consumidores.

Na busca pela fórmula editorial eficiente, que conseguirá congrega leitores/consumidores e anunciantes, é que se percebe, a cada edição, a reprodução incessante de um determinado receituário que perpassa todos os números de um nicho de publicação. Por exemplo, em revistas cuja temática é beleza e saúde (*Boa Forma, Men’s Health, Corpo a corpo*, entre outras), são recorrentes as matérias sobre séries de exercícios e dietas milagrosas que, associadas a determinados produtos (*shakes*, esteiras, loções e cremes), irão garantir o “corpo do verão”.

Tal é o alcance de determinadas fórmulas editoriais que, desde a época da revista *O Cruzeiro*, o Brasil “importa”, parcial ou totalmente, seguindo a modelagem europeia ou norte-americana de edição de revistas. Se analisarmos aquelas de maior circulação atualmente⁴, a revista *Cláudia* é baseada nas publicações femininas europeias, a *Quatro Rodas* tem a homônima italiana e a *Veja* segue os moldes das revistas norte-americanas *Times* e *Life* (esta extinta nos Estados Unidos em maio de 2000).

Também, atualmente, é comum que algumas revistas consolidadas no mercado exterior criem “franquias” no Brasil, como é o caso da *National Geographic* (no Brasil desde 2000), *Playboy* (desde 1975), *Men’s Health* (desde 2006) e *Women’s Health* (desde 2008)⁵. Quanto a estas últimas, é importante salientar que,

⁴ De acordo com o site <http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral>, as tiragens das revistas citadas são: *Veja* (semanal) 1.219.183 exemplares, *Cláudia* (mensal) 496.260 exemplares e *Quatro Rodas* (mensal) 294.548 exemplares.

⁵ As tiragens dessas publicações, de acordo com levantamento divulgado pela PubliAbril e realizado pelo Instituto de Verificador de Circulação em Out/11, são: *Playboy* com 222.088 exemplares, *Men’s Health* com 176.787 exemplares, *Women’s Health* com 137.150 exemplares e *National Geographic* com 66.937 exemplares. (Tabela completa disponível na seção de anexos)

nestas revistas, o que acentua sua característica de franquia é a manutenção do nome original (sem traduções) e a coerência com a linha editorial adotada pela revista matriz com leves adaptações de conteúdo para, neste caso, o público brasileiro.

Como aponta Mira (2001), as décadas de 70 e 80 foram determinantes para o atual desenho do mercado segmentado⁶ de revistas brasileiro. Passados os anos de preocupação com a construção de uma identidade editorial e jornalística caracteristicamente brasileira, o foco volta-se para a comunicação, com um leitor brasileiro inserido no contexto global.

Passa-se a comprar material estrangeiro, não por não haver ainda condições de produzir algo “nosso”, mas porque muito do que é lido por leitores brasileiros também é apreciado por leitores em outras partes do mundo. É o caso, no Brasil, de revistas como a *Nova (Cosmopolitan)*, a *Playboy*, a *Elle* e a *Marie Claire*. Como já citado anteriormente, estas revistas não precisam trocar de nome quando se expandem a outros países ou línguas: “Playboy é Playboy no mundo inteiro” (MIRA, 2001, p. 97). A expansão de determinados conteúdos das revistas em várias partes do mundo é um forte indício de que também os segmentos de mercado encontram-se mundializados.

A *Playboy* é a grande responsável no Brasil pela consolidação de um nicho de publicações voltado para o público masculino (apesar de não ser lida exclusivamente por eles). Atualmente, este mercado abrange outras publicações como *Men’s Health*, *Placar*, *Quatro Rodas*, *VIP* e *Alfa*, a mais recente, mas é a entrada de *Playboy* no mercado editorial brasileiro que reflete a inserção do país no processo de segmentação da mídia voltada para homens no mundo.

Isso porque um dos recortes mais sólidos⁷ na mídia segmentada é o que se estabelece com base no sexo do público-alvo de uma publicação. Ainda que hoje se tenha plena noção de que a linha que separa os universos masculino e feminino encontra-se mais flexível, e em alguns casos até tênue, a verdade é que, para o mercado de revistas, estas mudanças que reorganizam as relações de gênero ainda não se refletem na possibilidade de ignorar preferências e características atribuídas

⁶ Para a autora, o “mercado segmentado” de revistas se caracteriza pelo mapeamento que estabelece de seus públicos-alvos (no caso de uma grande editora como a Abril), mas, no Brasil, são consideradas revistas segmentadas aquelas cujas tiragem não ultrapassa muito os 100 mil exemplares. Nesta pesquisa, adoto a perspectiva da autora: os segmentos compostos pela atenção que dedicam, na construção de seus conteúdos, aos interesses de um determinado público.

⁷ Também se pode citar o recorte geracional, de estrato social.

aos indivíduos pelo seu sexo. É, também, de acordo com esse aspecto que abordagens discursivas e editoriais são pensadas. Como exemplifica Mira (2001, p. 99):

Apesar de se deslocarem, e, em alguns pontos, se aproximarem, as diferenças entre os sexos não desaparecem. Um bom exemplo disso é a dificuldade das editoras de acertarem uma fórmula de revista de informação ou de negócios dirigida às mulheres, bem como de uma revista capaz de levar os homens a discutir os seus sentimentos. Especialista no ramo, a Abril contabilizou aí dois fracassos: *Mulher Atual* (1990) e *NOVA Homem* (1985).

Neste contexto, a revista *Playboy* introduz no Brasil o conceito de uma revista para homens que associa o culto de uma ética hedonista ao exercício de uma masculinidade “mais livre”. Para seu criador, Hugh Hefner, o mercado americano de revistas no início da década de 50 (1953) carecia de uma publicação masculina que, além das mulheres nuas, divulgasse também o prazer de ser homem (Peterson, 1964), e, para isso, desde os detalhes, como a escolha do logo⁸, até os temas a serem abordados a cada edição (maneiras de vestir, lugares a frequentar, que produtos comprar) deveriam orientar o leitor a pensar e repensar o exercício de sua masculinidade dentro do sistema de significações proposto pela revista, cuja masculinidade ideal é associada à potência sexual e física, à conquista e ao controle.

Vários autores identificam em suas pesquisas essa produção de modelos de ser e viver que são, de certa forma, consumidos por grupos segmentados. Na área dos estudos sobre masculinidades, podemos citar: a construção do ideal de masculinidade baseado na força e na honra entre os oficiais da Marinha americana, estudada por Frank Barrett (2004); o uso de um determinado modelo de masculinidade de forma contestatória a uma condição social, como no trabalho de Richard Majors (2004) sobre homens negros no desporto. Nos estudos sobre mídia impressa, essa construção pode ser percebida em revistas de estilos de vida e até mesmo de esportes, em que a associação entre consumo e construção identitária é bastante exacerbada, como se verá mais para frente.

Em grande medida, esse processo se deve ao fato de que, em inúmeras sociedades, e aqui se pode citar o clássico trabalho de Margaret Mead, *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas* (1935), existem, imbricadas no

⁸ A famosa logomarca da *Playboy*, o coelhinho de gravata, remete ao fato de o coelho ser o único animal que, assim como os humanos, copula por prazer.

ideário social, certas noções sobre masculinidade e feminilidade que formam modelos ideais de homens e mulheres. Ocorre que, em grande parte, esses ideais não são plenamente/completamente realizáveis, como escreve John Fiske (1987) acerca dos empecilhos impostos pela própria sociedade para:

(...) desenvolver estas qualidades, situando-se em instituições (como o trabalho) que lhe negam (aos homens) a oportunidade tanto de expressar sua individualidade como de exercer qualquer poder de controle... Porque a idéia de masculinidade dos homens raramente pode realizar-se no trabalho, eles desenvolveram um estilo masculino para o seu lazer e atividades sociais que consiste em signos excessivos de masculinidade de forma exagerada e compensatória (FISKE, 1987, p. 201).

O que o fragmento acima indica é que, na inviabilidade do pleno exercício de uma masculinidade ideal prevista pelo arcabouço cultural de uma sociedade, os homens, neste caso, deslocam seus anseios e frustrações em relação ao seu “ser homem” para esferas da vida que estejam mais sujeitas às suas escolhas subjetivas e individuais, sob seu controle, como o lazer, o cuidado de si, as roupas que vestem, os lugares para onde saem, enfim, seu estilo de vida.

De acordo com Mike Featherstone (1995), a associação entre um modelo organizacional econômico que reserva atenção considerável à produção de bens simbólicos, imagens e informação, e o crescente consumo por parte da população desta produção, através de suas opções de lazer e serviços, sugere a circulação também de prazeres e desejos que, uma vez acessados, por, como exemplo, leitores de revistas masculinas sobre estilo de vida, levam à possibilidade de “fazer a si mesmo” diante do rol de opções que a publicação oferece nas áreas de lazer, compras, exercícios e até na sexual.

É necessário aqui fazer uma diferenciação importante: a expressão “estilo de vida” não é algo tão novo quanto parece. Já nos escritos de Max Weber, na obra *Economia e Sociedade* (2000), este é definido como práticas cotidianas e de consumo que se baseiam em escolhas particulares e identitárias as quais remetem ao pertencimento a grupos de acordo com sua classe e *status*. Nesta pesquisa, será utilizada a perspectiva de uma cultura de consumo que conota individualidade, autoexpressão e uma consciência de si estilizada, como propõe Anthony Giddens (2002). Neste sentido, como afirma Featherstone (1995, p. 119):

O corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, a opção de férias, etc. de uma pessoa são vistos como indicadores da individualidade do gosto e do senso de estilo do proprietário/consumidor.

A construção de um estilo de vida, de acordo com o argumento acima, demanda, assim, a administração de um leque de opções para escolha, e é nesta brecha que revistas como a *Playboy*, desde 1953, começaram a oferecer ao seu leitor algo além do que já se espera de uma revista masculina (mulheres nuas e sexo): todo um receituário de bem ser e viver. O que, à época, era um “*plus*” que diferenciava a visão de Hugh Hefner de outros editores de revistas masculinas, hoje se encaixa no tipo de jornalismo denominado “de serviço”.

De acordo com Mira (2001), o jornalismo de serviço pode ser pensado como publicações que não apenas ensinam aonde ir e o que comprar (como no caso das revistas de estilo de vida), mas também auxiliam no aprendizado emocional de seus leitores, através do qual este irá construir uma identidade o mais próximo possível daquela que acha ideal. Sobre revistas femininas voltadas para o cuidado do lar, a autora escreve:

Além do devaneio, as revistas são consideradas úteis por trazerem conhecimento prático, como receitas e diversas outras dicas para o lar. Porém, Joke Hermes observa que normalmente essas receitas são mais colecionadas ou perdidas pela casa do que executadas (MIRA, 2001, p. 45).

O mesmo ocorre com revistas masculinas que seguiram a tendência lançada pela *Playboy* na abordagem de estilos de vida, como a *Men's Health*. Conforme pesquisa realizada por F. Boni (2002), utilizando da técnica dos grupos focais, da qual participaram homens e mulheres, a respeito do conteúdo da *Men's Health* italiana, os próprios integrantes do grupo que se declararam leitores confessaram não seguir à risca as sugestões da revista e as considerar repetitivas, mas os agradava ter acesso a esse tipo de informação. Alguns deles, inclusive, esperavam que, com o passar do tempo, as orientações fossem na direção de exercícios mais simples, rápidos e fáceis para alcançar seus objetivos.

1.2 Estilos de vida e corporeidades

Com o *boom* do culto ao corpo na década de 80, bastante impulsionado midiaticamente pelos vídeos de exercícios aeróbicos da atriz Jane Fonda, a preocupação com a forma corporal trouxe à tona outro tipo de relação dos indivíduos com seus corpos, que preza pela aparência e modelamento dos mesmos, consoante ensina Castro (2007). Uma das vertentes de análise deste fenômeno pondera que o

novo foco no corpo é fruto da desestabilização de categorias anteriores que davam sentido ao mundo social, conforme Giddens (1997): para as mulheres, deixa de bastar a ascensão ao mercado de trabalho, a sua maior presença na vida pública, a revolução sexual e o reconhecimento de seu poder de escolha; é necessário corporificar essa mudança, mostrar pública e materialmente a dedicação a si mesma por tanto tempo cerceada por arranjos sociais patriarcais, como informa Quintas (2008).

Sendo assim, a prioridade dada à construção de determinada aparência⁹ extrapola a conformação dos volumes corporais e torna-se parte essencial no processo reflexivo de construção da autopercepção do indivíduo no mundo, conforme Giddens (1997). Ou ainda, como escreve Ana Lúcia de Castro (2007) sobre essa argumentação de Giddens, em *A Transformação da Intimidade* (1997):

Como sugere Giddens (1997), tanto o planejamento da vida como a adoção de estilos de vida se tornam integrados com regimes corporais, ou seja, diante da complexidade e fragmentação contemporâneas, o corpo torna-se elemento central na busca de sentidos e referências mais estáveis, talvez por constituir-se em único domínio ainda controlável pelos indivíduos (CASTRO, 2007, p. 16).

Diante da importância que o corpo e os estilos de vida assumem na vivência dos indivíduos atualmente, a preocupação estética, que antes era reduto exclusivo das mulheres, também se transforma na medida em que emerge, igualmente na década de 80, o que alguns autores, como Sócrates Nolasco (1993) e Frank Mort (1996), denominam de “nova masculinidade”. De acordo com estes autores, as discussões postas em pauta pelo movimento feminista e o fortalecimento do movimento homossexual colocaram, principalmente para jovens homens de classe média, o surgimento de um espaço onde, também para o “sexo forte”, é permitido ser sensível e vaidoso. De acordo com Mort (1996):

Alguma coisa está acontecendo com a vestimenta masculina; alguma coisa está acontecendo com os homens jovens. A ascensão crescente da publicidade e da mercadologia dirigida aos homens jovens é parte e parcela da corrente explosão de empreendimentos no setor de serviços e das indústrias midiáticas. Mas o que está se passando aqui é algo mais sutil do que a publicidade e motivos de lucro. Os homens jovens estão sendo imagens vendidas que rompem ícones tradicionais de masculinidade. Eles são estimulados a olhar para si mesmos – e para outros homens – como objeto de desejo de consumo. Eles estão obtendo prazeres previamente marcados como tabus ou femininos. Uma nova bricolagem de

⁹ Por aparência, entendo desde adornos, modos de vestir até a postura dos indivíduos perante o mundo, conforme abordagem de Anthony Giddens (1997) e Mike Featherstone (1995).

masculinidade é o barulho vindo da casa de moda, do mercado e da rua (MORT, 1996, p. 73).

O mercado editorial das revistas masculinas acabou por voltar seus olhares para essa abertura no legado patriarcal, consoante ministra Johnson (1997), e, assim como nas publicações voltadas para as mulheres, como *Boa Forma* e *Corpo a Corpo*, cujo conteúdo não se restringe ao trato corporal, mas ao exercício de uma subjetividade reflexiva do corpo e este no espaço, buscou fornecer as informações necessárias para a demanda de um “novo homem”, que pensa o mundo diferentemente. Ou seja, as publicações sobre os “novos homens” tratam também de uma forma de ser homem no mundo, e, aqui, cada publicação terá sua própria sugestão.

Principalmente a partir da década de 90, o fenômeno comercial das revistas que focam na construção de uma determinada aparência e na associação a um determinado estilo de vida evidencia uma forte tendência do culto ao corpo. Assim, passa-se a perceber também que os homens preocupam-se com os cabelos e a pele tanto quanto as mulheres. Como aponta John Fiske (1987), a “masculinidade como espetáculo” é mais uma vertente vinculada à prática e à assistência também dos esportes:

A câmera lenta é usada no esporte para celebrar e mostrar o corpo masculino em ação, para produzir um sentido de admiração, ao fazer a performance física parecer bonita (FISKE, 1987, p. 219).

Seguindo, ainda, a tendência do mercado feminino, o culto ao corpo também levará os homens a serem grandes consumidores de cosméticos e moda. Impossível ignorar que, no ano de 2011, um número representativo dos anúncios em *Men's Health* eram de marcas de roupas ou cosméticos para homens, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1 - Quantidade de anúncios sobre moda e cosméticos em relação ao total de páginas e anúncios em cada edição do ano de 2011.

Nº DA REVISTA	TOTAL DE ANÚNCIOS EM CADA EDIÇÃO	ANÚNCIOS SOBRE MODA E COSMÉTICOS
56	42	24
57	09	02

58	12	04
59	23	11
60	20	10
61	26	05
62	17	11
63	21	10
64	28	27
65	25	17
66	31	17
67	21	18
68	39	21
69	13	02
TOTAL	327	179

Diante da “espetacularização da masculinidade” e do crescente número de publicações voltadas para a associação entre culto ao corpo e estilo de vida¹⁰, chama a atenção o desempenho mercadológico da revista *Men’s Health*.

Como já citado anteriormente, essa publicação é mais uma que surgiu no *boom* das academias e dos cuidados com o corpo na década de 80, especificamente em 1987. Inicialmente, em sua edição americana (a primeira), seus temas focalizavam mais a questão da saúde masculina, mas o crescimento tanto no número de exemplares, quanto no número de países em que esta publicação se expandiu (agora somam 44, incluindo o Brasil) e uma nova visão sobre saúde adotada pelos seus editores levaram ao aumento na abrangência dos assuntos abordados, que agora vão desde tecnologia a sexo.

Essa consolidação de um novo olhar sobre o corpo masculino, que deixa de ser apenas o que olha e passa a ser também observado, ocorre principalmente sob

¹⁰ Como forma de esclarecimento, não considerarei neste trabalho as revistas sobre fisiculturismo como revistas de estilo de vida, pois penso que todas as suas orientações estão voltadas para à prática do esporte e, por isso, o foco dos resultados é neste aspecto: excelência esportiva.

o discurso da vida saudável, sob o apelo propagandístico da mídia tanto impressa, quanto televisiva, e se constitui em uma caracterização do corpo masculino saudável e perfeito como um item a ser comercializado e consumido, objetificando-o da mesma forma com que o corpo feminino foi e continua sendo transformado em *commodities*, como ministram Castro (2009) e Berger (2006). No que encerra esta discussão, a revista em questão situa-se dentro de um dos mecanismos principais de propagação dessa visão de saúde do homem, especialmente quando atentamos para seus números de circulação.

Dentre as revistas focadas, especificamente no público masculino no Brasil, publicadas pela Editora Abril, a revista *Playboy* encontra-se com larga vantagem em número de exemplares e circulação, enquanto a *Men's Health* (uma franquia internacional, assim como a anterior) ocupa o segundo lugar com uma tiragem de 176.787 exemplares, sendo destes 62.177 em assinaturas e 52.310 em exemplares avulsos, segundo levantamento do Instituto de Verificação de Circulação em outubro de 2011¹¹. Estes dados nos levam à consciência de que não apenas a *Men's Health* ocupa o segundo lugar, mas que sua formulação extremamente globalizada (visto que está presente nos cinco continentes) encontra espaço também aqui no Brasil sem guardar grande distância do público-alvo de sua matriz americana.

Não apenas a questão da tiragem, mas também as abordagens dos conteúdos voltados para o público masculino indicam a relevância da publicação para os estudos sobre homens e masculinidades. Como o próprio editor anuncia sobre a visão da revista sobre saúde:

(...) inclui tudo o que pode melhorar a vida do homem. Ótimo sexo. Ótima comida. Exercícios que aumentam os níveis de endorfina. Aparentar e sentir-se melhor. Transformamos saúde num conceito que qualquer homem quer abraçar, começando pelo cara saudável da capa¹².

1.3 *Men's Health*: escrevendo para “novos homens”

Ao contrário do que se imagina, as discussões sobre o que é e como se dá a construção dos “novos homens” não data da década de 80, mas dos movimentos contraculturais *beatnik* e *hippie* de vinte anos antes. Os primeiros debates que

¹¹Fonte: <http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral>

¹² Fonte: http://goliath.ecnext.com/coms2/gi_0199-6998073/How-healthy-is-men-s.html. Acesso em 13 de abril de 2011. Tradução livre da autora.

incitaram o questionamento de modelos de masculinidade e feminilidade são oriundos, principalmente, do movimento *flower power*, com suas caracterização física mais andrógina (homens e mulheres de cabelos compridos, usando brincos e colares, os homens se adornando com flores e usando salto plataforma), e das análises reflexivas da nova condição masculina¹³, como aponta Nolasco (1993).

As concepções sobre trabalho, relacionamentos e emoções desses dois movimentos contraculturais serão aprofundadas de modo a valorizar seu lado lúdico e racional, em 1990, por Robert Bly e seu “livro sobre homens”¹⁴: o tambor, a fogueira, o contato físico serão utilizados como recursos linguísticos e emocionais nas discussões sobre os homens e o seu “estar no mundo”. Todavia, esta problematização não parece questionar as dimensões políticas e econômicas que influenciam os paradigmas que delimitam essa forma de ser homem, a qual parece ser o alvo principal das críticas: o homem dominador, machista, que monopoliza as esferas públicas e que subordina mulheres (e também homens) a espaços menos privilegiados de participação social.

Para Elisabeth Badinter (1992), o “novo homem” está mais para um homem “em mutação”: filho de uma geração em que a mãe assume características viris e os homens, mais femininas. Desenha-se aqui um ponto crucial para autora, qual seja, a estranha configuração dos diversos conflitos em que estes “novos homens” encontram-se envolvidos: um modelo patriarcal que ainda vige socialmente, mas que, ao mesmo tempo, não foi adotado por seus pais. Assim, Badinter propõe que o “novo homem” é resultado de uma reconciliação, ou, como aponta Sócrates Nolasco (1993, p. 175): “seria um *soft male*, um homem que saiba combinar solidez e sensibilidade”.

Também Marina Castañeda (2006), em seus estudos sobre as diversas manifestações do machismo no México, percebe o crescimento no número de “homens reconciliados” como a representação de uma versão *light* da masculinidade viril. Para ela, este processo se deve principalmente à valorização da comunicação entre os sexos e certo igualitarismo nas relações íntimas. Seu posicionamento, além de reconhecer o cultivo de um lado feminino entre os homens, indica que, apesar

¹³ Aqui, a reflexão sobre uma nova condição masculina está profundamente associada aos fatores que também permitiram o fortalecimento dos estudos feministas: o avanço dos métodos contraceptivos, novas atribuições familiares para homens e mulheres e a maior presença desta **S** na vida pública.

¹⁴ *Iron John*, de 1990.

deste novo comportamento ser um problema para as bases machistas e patriarcais mexicanas, não aponta para qualquer renúncia às prerrogativas que muitos homens gozam apenas por serem homens.

No mercado editorial, a busca por esse homem reconciliado irá orientar, nos anos 90, o aumento de publicações sobre identidade masculina que auxiliariam a encontrar uma maneira de ser um homem “que seja ativo sem ser dominador, expresse socialmente suas emoções sem ser visto como homossexual e mantenha suas características viris sem traços machistas” (NOLASCO, 1993, p. 176). Todavia, como bem colocaram Badinter e Castañeda, este fato não representa qualquer questionamento de uma ordem de gênero que privilegia homens perante mulheres.

Ainda assim, nesse ensejo de reconciliação, a mídia televisiva e impressa aponta para uma real mudança do homem e do modelo masculino convencional dando o encaminhamento das discussões sobre o assunto no sentido de “autorizar” estes homens para que compartilhem com as mulheres suas atividades e sua subjetividade a despeito de serem chamados de “maricas”. Como também afirma Romeu Gomes (2008):

Dessa forma, no âmbito das revistas vendidas nas bancas de jornal, tradicionais temas do universo masculino – carros, esportes, mulheres, trabalho, etc. – vão convivendo com outros que, no passado restringiam-se à instância do feminino, como beleza, moda e cuidados com o corpo em geral. Parece que estamos assistindo a um redesenho do masculino, a uma mescla com aspectos considerados do feminino, sem que as identidades do homem sejam comprometidas. É claro que isso se refere a alguns segmentos masculinos, não atingindo os homens em geral (GOMES, 2008, p. 100).

Sob o discurso, já conhecido dentre as editoras de revistas femininas, dos cuidados com a mente e a saúde, a revista *Men's Health* busca, assim, acessar, através de sua linha editorial, o universo íntimo da vivência e das práticas de masculinidade até então ausentes nas discussões públicas. Gostaria aqui de fazer a devida especificação: no contexto do que é tratado pela revista em questão, a masculinidade e a vivência são trabalhadas no seu sentido de vivência corporal, pois, como afirma Giddens (2002, p. 57): “O eu, é claro, é encarnado... não é simplesmente uma entidade, mas é experimentado como um modo prático de enfrentar situações e eventos exteriores”.

Assim, quando uma revista, como a que se analisa aqui, propõe uma série de rotinas e receitas para ser “um homem saudável”, o que se coloca na mesa é o programa para se tornar um “agente competente”, consoante Giddens (2002), capaz

de, através da autoconsciência de si e de seu corpo no espaço, produzir e reproduzir relações sociais referentes ao modelo de masculinidade que a revista divulga como ideal. Para tal:

(...) o controle corporal é um aspecto central do que “não podemos dizer com palavras” porque é o referencial necessário para o que podemos dizer (ou podemos dizer de maneira significativa) (GIDDENS, 2002, p. 57).

1.4 Controle do corpo e construção de masculinidades

A questão do corpo e de seu controle/trato na teoria social é conhecidamente retratada nos estudos sobre poder, disciplina e adestramento corporal de Michel Foucault. Seguindo a tradição da recente “sociologia do corpo”, este autor acompanha a premissa de que os corpos são construções sociais e que, diante de períodos histórico ou politicamente instáveis, o controle sobre estes corpos serve para reforçar as autoidentidades desejáveis.

Já no primeiro volume de *História da Sexualidade* (1988 [2011]), Foucault contesta a “hipótese repressiva”, denominação dada à explicação de que na era vitoriana a sexualidade era reprimida, e o discurso sobre ela, silenciado. Para Foucault, exatamente o contrário teria acontecido: a sexualidade se tornou alvo de debates e discursos de uma série de áreas do conhecimento, como o médico, o jurídico e o psicológico. Estes, uma vez suficientemente empoderados para fornecer respostas e regramentos às situações humanas, favoreceram a secularização da prática religiosa da confissão, o que acabou por implicar na divulgação da íntima sexualidade de homens e mulheres a estes indivíduos “empoderados”.

Nesse sentido, a noção de biopoder, construída pelo autor enquanto forma eficaz de controle social que assume a vida dos indivíduos desde seu nascimento até sua morte, aponta, não para a repressão e a destruição de comportamentos referentes à sexualidade dos indivíduos, mas para a produção de orientações normativas (como a heteronormatividade) através de práticas culturais (por exemplo, a construção e exercício de masculinidades e feminilidades) e discursos científicos (tais como aqueles sobre a homossexualidade, o hermafroditismo, o corpo), que acabam por influenciar a maneira como os indivíduos concebem e experimentam sua sexualidade e sua identidade.

A filósofa americana Judith Butler (2003), também referência teórica importante nos estudos de gênero, elabora, com base no pensamento foucaultiano, sua abordagem sobre sujeitos generificados. Em concordância com Foucault, Butler coloca que não há, por trás da identidade de gênero, um sexo verdadeiro que levaria à sua causalidade biológica. Para ela, os indivíduos buscam construir sua identidade generificada, sua masculinidade ou feminilidade, tentando sempre se aproximar de um ideal normativo exposto culturalmente (na esfera familiar, no trabalho, na mídia etc).

Ou seja, o comportamento masculino, por exemplo, não resulta de o indivíduo possuir cromossomos X e Y, mas da ideia de um determinado modo de ser homem/masculino decorrente do comportamento culturalmente aceito e reforçado por e para homens e mulheres em diversas instâncias da vida social. Sendo assim, a hipótese de um núcleo natural que justifique determinado comportamento através da biologia é uma ficção sustentada pelas performances sociais.

Tanto Giddens (2002), quanto Allan Johnson (1997) abordam essa mesma questão da performance generificada justificada pela biologia natural. Este último autor acredita que há uma obsessão com sexo e gênero que gravita sob dois conceitos, o da feminilidade e o da masculinidade, e que encoraja a nós mesmos a pensar que homens e mulheres são dois tipos diferentes de pessoas. Este raciocínio também auxiliaria a dar continuidade à visão patriarcal:

Com o desenrolar da história patriarcal, as mulheres são essencialmente femininas e os homens essencialmente masculinos e, enquanto cada um estiver no seu território designado, a vida continua como supostamente deve ser (...). De acordo com a cultura patriarcal, por exemplo, os homens são agressivos, ousados, racionais, emocionalmente inexpressivos, fortes, tranquilos, tendo controle de si mesmos, independentes, ativos, objetivos, dominantes, decisivos, confiantes, e não maternais. As mulheres são retratadas como o exato contrário (...). Uma vez que estas descrições moldam a maneira como pensamos gênero, cria-se um grande abismo, com homens de um lado e mulheres de outro¹⁵ (JOHNSON, 1997, p.85-86).

Nesse momento, torna-se evidente o grande nó da construção das masculinidades na esfera identitária, em que a maioria dos indivíduos, homens ou mulheres, não conseguem se ver plenamente contemplados na descrição rígida dos modelos culturais ideais para homens e mulheres. Todavia, reconhece-se que uma descrição clara de o que é e o que faz um homem ou uma mulher auxilia os

¹⁵ Tradução livre da autora.

indivíduos a estabelecer algum nível de segurança ontológica quanto à sua sexualidade e comportamento.

Esse aspecto da segurança ontológica sobre o gênero é essencial para compreender o controle corporal como forma de construir e transmitir uma identidade generificada. Em *Vigiar e Punir* (1975 [2011]), Foucault coloca que no início do século XVII:

O soldado é antes de tudo, alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia (FOUCAULT, 1975 [2011], p. 131).

O autor ainda identifica uma progressão nessa percepção do corpo do soldado no século seguinte, descrevendo que:

O soldado se tornou algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa ; corrigiram-se aos poucos as posturas: lentamente a coação calculada percorre cada parte do corpo, assenhoreia-se dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disposto, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi “expulso o camponês” e lhe foi dado a “fisionomia de soldado” (FOUCAULT, 1975 [2011], p. 131).

É importante chamar atenção para o fato de que, no período ao qual Foucault se refere, o ambiente militar era o espaço principal de construção de masculinidade viril ideal, que, por sua vez, deveria causar temor nos adversários, passar a mensagem de uma nação capaz de se defender, em contraposição à imagem e conformação corporal do camponês, que traz associada a si uma subserviência que em nenhum arranjo social foi valorizada para a construção de masculinidades.

Assim, ao observar as mudanças no corpo do soldado, o autor evidencia o aumento da aptidão dos indivíduos em disciplinar seus corpos, de modo que eles “representem” os indivíduos que os portam. Os mecanismos que proporcionam esta relação de utilidade entre o indivíduo e seu corpo são chamados pelo autor de disciplinas. Estas, em oposição ao caráter renunciista das mesmas adotadas pelos monges, implicam em uma relação de obediência que favorece a dominação do corpo do indivíduo por ele mesmo.

Aparece aqui o que Foucault chama de arte do corpo humano (1975 [2011], p.133), associada aos discursos científicos sobre saúde, sexualidade e comportamento nascentes na era vitoriana, e ainda presentes nos discursos sobre corpo, saúde e estilo de vida em revistas como *Men's Health*. Estas colocam os indivíduos em estado de sujeição a um poder disciplinar que os olha

hierarquicamente e os normaliza de modo a reforçar a construção de um invólucro corporal cujo detentor encontra-se com suas habilidades aumentadas, sob controle de si mesmo e em concordância com o que a ciência aponta enquanto saudável e aceitável.

Tradicionalmente, a musculosidade entre os homens sugere esse alto nível de funcionamento corporal ao qual Foucault se refere – bastante associado ao período de guerras. Mas, contemporaneamente, este elemento assumiu conotações importantes também nas esferas do trabalho. Por exemplo, ao pensarmos na imagem de um executivo bem sucedido, associamos a ele uma determinada configuração corporal que para nós parece hegemônica, o que nos leva a, ao nos depararmos com um executivo bem sucedido que fuja à imagem que projetamos, encará-lo com certo estranhamento.

Dessa forma, o que revistas sobre estilos de vida, como a que busco abordar aqui, priorizam é auxiliar os homens a associar a imagem social que fazem de si mesmos a uma imagem material que é esperada deles. E, com relação a esta transformação, o foco sob a autossuficiência dos homens é exacerbado para que a revista consiga mostrar que ela “é apenas o mensageiro”, e que depende do próprio leitor colocar-se enquanto instrumento de transformação.

Frequentemente, essa imagem, cuja construção é orientada em revistas como *Men's Health*, está em conformidade com um modelo ideal de homem, de maneira de pensar, portar-se, vestir-se e relacionar-se. Este modelo ideal, que chamaremos neste trabalho de masculinidade ideal e, por vezes, hegemônica, varia de acordo com a sociedade para qual se volta o olhar sociológico. Porém, diante dos processos conhecidos de globalização e da decorrente construção identitária embasada em elementos cada vez mais mundializados, podemos perceber, também, que o mesmo receituário de uma masculinidade ideal encontra ressonância em diversos outros locais, no caso, os 44 países que possuem edições da revista *Men's Health*.

1.5 Como li *Men's Health*

Analisar a revista em questão não constitui exatamente uma novidade. Diversos trabalhos já foram realizados sobre a mídia impressa voltada para estilo de

vida e corpo, mas o seu interesse em perceber, através de suas edições, um novo corpo, o masculino, torna esta publicação um caso particular para análise.

Para Gomes (2008), abordar uma publicação como *Men's Health*, significou interpretar as narrativas presentes na revista sobre sexualidade e saúde voltadas para o público masculino, procurando “não só identificar os conteúdos acerca do assunto nas matérias da revista, mas, principalmente, o que se encontra subjacente a tais conteúdos” (GOMES, 2008, p. 25). Já para Federico Boni (2002), o ponto interessante a ser analisado sobre a *Men's Health* consistiu em identificar, através da utilização de grupos focais, como já dito anteriormente, que tipo de sentido era dado pelos indivíduos aos discursos sobre a vida e os corpos dos homens presentes nas matérias da revista.

Nesta pesquisa, o foco será como o conteúdo de *Men's Health* sugere um modelo de masculinidade específico, que valoriza aspectos clássicos de uma masculinidade tradicional, tanto no âmbito comportamental, quanto corporal. Essa valorização e divulgação de um modelo de masculinidade são encaradas por mim como uma forma também de perceber a realidade e que, caso o leitor siga os passos sugeridos pela revista, pode ter sua vida facilitada, saudável e prazerosa.

Os números analisados (de janeiro de 2011 a dezembro do mesmo ano) foram abordados enquanto registros documentais de um determinado discurso sobre corpo e saúde que culminam em um rol de práticas que extrapolam esses dois campos, alcançando a vida sexual e sua performance, a maneira de vestir e modo de pensar o seu ser homem no mundo. Neste sentido, como propõe Robert Connell (2000, p.9), “um melhor entendimento das masculinidades e das práticas de gênero dos homens é válido pelo simples fato de o gênero ser um dos principais aspectos de nossas vidas” e um dos recortes mais utilizados no mercado editorial mundial.

Dessa forma, a primeira etapa da pesquisa consistiu em formar o *corpus* com o qual realizaria a mesma: após lidas todas as edições disponíveis de *Men's Health*, que iam de exemplares de 2008 a 2011, julguei melhor me ater a uma sequência sem intervalos quanto à periodicidade, o que me levou a fechar o material para pesquisa nas doze edições do ano de 2011. Assim como a maioria das publicações desta vertente jornalística, os assuntos abordados por *Men's Health* são extremamente repetitivos, o que leva a reforçar o entendimento que um ano corrido de publicação seja o bastante para identificar os elementos que indicam a valorização de uma determinada prática de masculinidade.

Sandra Harding (1987) chama a atenção para uma diferenciação necessária em qualquer pesquisa qualitativa, especialmente entre os estudos de gênero, uma vez que estes vieram acompanhados da introdução de uma nova perspectiva do olhar, outra maneira de ver e contar a história: o feminismo.

Para a autora, os questionamentos proporcionados pelo feminismo levantaram desafios importantes quanto à maneira de analisar a vida social, homens e mulheres. Estes questionamentos se referiam principalmente a como corrigir as conclusões parciais que a ciência tradicional chegava. Assim, ela se questiona:

Há um método feminista de análise distinto? Como a metodologia feminista desafia – ou complementa – as metodologias clássicas? Sob quais bases alguém defenderia as suposições e procedimentos de pesquisadores feministas? (HARDING, 1987, p. 1)

Harding (1987) coloca que todas essas questões levam a uma perda de foco quanto ao que é realmente importante na construção do conhecimento científico baseado em algo para além da ciência tradicional, e retorna à discussão para a diferenciação que considera essencial: entre método e metodologia. Sua crítica reside essencialmente em criticar a confusão que é feita entre esses dois elementos quando nos referimos aos dois conceitos como sinônimos de “método de pesquisa”.

Um método de pesquisa consiste na técnica de coleta de dados escolhida para a pesquisa. Não raras as vezes, tais métodos são os mesmos utilizados pela ciência tradicional, mas a perspectiva feminista guarda sua particularidade na maneira como os emprega. Assim, ao ler e elaborar minhas considerações sobre os números da revista nos quais coletei os dados, classifiquei termos e expressões, percebi as nuances do discurso sobre masculinidade e busquei identificar um conjunto de opiniões e valores que orientam uma representação social de um modelo de homem.

Entendo esse processo de pesquisa como algo que aborda o que está além do descrito, buscando o sentido dos textos e das visões propostas pelo veículo, como sugerido por Romeu Gomes *In* Maria Cecília Minayo (2011, p. 80). Este processo foi claramente influenciado por ser mulher, por ser heterossexual, por ser solteira. Ou seja, a minha utilização do método de coleta de pesquisa foi fruto de escolhas baseadas no meu contexto social enquanto pessoa, e os dados resultantes também foram sujeitos ao mesmo contexto por mim enquanto pesquisadora.

Como forma de operacionalização da análise de conteúdos, Laurence Bardin (2011) sugere quatro diferentes caminhos: análise de avaliação ou análise representacional; análise de expressão; análise de enunciação; e análise temática. Penso que, para uma aproximação com veículos de comunicação de massa, como é o caso de uma revista, o último caminho se adéqua melhor.

Tendo como foco o tema da corporificação de masculinidades, o vocabulário, os recursos gráficos e imagéticos utilizados em *Men's Health* e de acordo com o critério para utilização dos mesmos (frequência, semântica) pode-se perceber que *Men's Health* traz muito mais do que a receita para um corpo bonito; carrega também uma forma de viver a vida enquanto homem.

Sendo assim, destrinchei o conteúdo da revista em categorias que permitissem analisar a abrangência dos assuntos de *Men's Health* no que se refere à construção de masculinidades. Para isto, utilizei primeiramente a própria divisão sugerida pela revista: sexo, *fitness*, estilo e comportamento. Dentre estas categorias, chamo atenção para a composição da seção estilo, que compreende moda e cuidados pessoais, e para a composição da categoria comportamento, que se refere aos elementos discutidos na seção *Cabeça de Homem*, conforme denominação da revista.

Após esse primeiro momento, elenquei, em conformidade com as categorias primárias citadas acima, os termos que acredito se referirem ao projeto de masculinidade ideal valorizado por *Men's Health*. Por termos, devemos entender palavras e construções frasais contextualizadas com a razão de ser da revista. Ou seja, palavras e frases que deixam evidente o compromisso da publicação com uma determinada prática de masculinidade.

Ainda segundo o trajeto de análise de discurso proposto por Bardin (2011), pode-se perceber a primeira categorização como de cunho semântico (categorias elaboradas por diferentes temáticas) e a segunda etapa de categorização como de cunho sintático (categorias que valorizam os elementos adjetivos, substantivos e verbais que orientam a construção de um dado discurso).

Alicerçada nesse levantamento, embasei minhas percepções sobre o conteúdo de *Men's Health* nos vestígios de uma masculinidade valorizada expressa nas matérias desta publicação em relação ao que já se acumulou nos estudos de gênero sobre a temática de homens e masculinidades, o que abordarei mais aprofundadamente no capítulo seguinte.

Retomando a diferenciação proposta por Harding (1987, p.3), a metodologia consiste “na teoria e análise de como a pesquisa é realizada”. Sob esta perspectiva, nesta pesquisa, as discussões de Michel Foucault sobre a corporificação de discursos sobre saúde e sexualidade são utilizadas como referencial teórico principal para compreender como os discursos presentes em *Men's Health* favorecem a corporificação de um modelo de masculinidade ideal, que vejo sendo propagandeado pela revista.

Para Foucault (1975 [2011]; 1988 [2011]), a verdade sobre o corpo, assim como sobre o sexo, é baseada em uma série de enunciados de poder. Poder, assim considerado, uma vez que tais enunciados são produzidos por um pequeno grupo de detentores de saber e incutidos em nossos cotidianos pelas “verdades” sobre o que é normal e natural.

Nesse sentido, os textos publicados em *Men's Health*, de acordo com a maneira como optei em interpretá-los, seguem a conceitualização foucaultiana sobre o que são os discursos. Nesta pesquisa, a produção foi lida além do seu caráter textual e linguístico na medida em que, para as exclamações e imperativos presentes nas matérias, percebi a presença de uma organização do conhecimento e das experiências do leitor que reprimem certo número de comportamentos e atitudes em prol de outras valorizadas pelo modelo de masculinidade adotado pela publicação.

CAPÍTULO 2

2.1 Gênero e homens: para além da biologia

A explicação científica baseada em oposições e contraposições é comum à abordagem de diversos temas na área sociológica e antropológica, como, por exemplo, heterossexualidade x homossexualidade, negritude x branquidade, masculino x feminino; adulto x idoso; adulto x criança, sendo em grande parte a responsável pela construção do que temos hoje como padrões de normatividade que alicerçam uma ampla variedade de estudos que se referem a estas oposições. Assim, qualquer questionamento dos paradigmas que compõem tais dicotomias se torna terreno fértil para a desconstrução de certezas e para fomento de reflexões mais profundas.

Os estudos sobre masculinidades se apresentam, desse modo, como algo inovador e, não raras vezes, fomentador de questões que envolvem construções sociais há muito consolidadas, uma vez que temos associado à ideia de homem/masculino um modelo, um padrão, uma referência normativa hegemônica. Com isto quero dizer que, no esgotamento do que se havia por pensar e dizer sobre a norma, ou seja, sobre o que é considerado comum, os estudos das Ciências Humanas se configuraram de forma a discutir o desvio (as mulheres, os negros, os idosos, os homossexuais), levando à cristalização de áreas de estudos como os que tratam de pesquisas sobre gênero, estudos étnicos e abordagens sobre o envelhecimento. Como aponta Michael Kimmel (1992) sobre a produção relativa aos grupos “marginais” (mulheres, negros, idosos, homossexuais etc):

(...) durante séculos, quase todos os livros publicados eram sobre homens. Inclusive hoje em dia, se um texto não tem a palavra mulheres no título, provavelmente trate acerca dos homens (KIMMEL, 1992, p. 129).

Por tal motivo, reforça-se, principalmente no âmbito das Ciências Sociais, o cuidado com a utilização do termo “homem(s)” como genérico para “ser (es) humano(s)”, o que acarretou um foco recente nas reflexões acerca das especificidades da construção e exercício das masculinidades, estabelecendo, assim, a importância de ver os homens também como seres generificados, conforme apontado por Kimmel (1992).

O surgimento dos *men's studies* remonta também à década de 60, à instituição do movimento feminista e à busca de criticidade nas ponderações acerca da assimetria social baseada na diferenciação sexual. Em semelhante medida, também influenciou o crescimento da visibilidade do movimento *gay*, que propunha uma nova reflexão sobre as identidades sexuais, consoante afirmam Badinter (1992) e Connell (1995).

Esses novos modos de perceber a experiência biológica e social buscavam, na esfera pública e privada, através das vivências sexuadas de mulheres e homens, questionar e combater a dominação detectada, apontando novos comportamentos e perspectivas de relacionamentos que, em sua trajetória, constroem o questionamento direto da masculinidade hegemônica: branca, heterossexual, dominante, como refere Connell (1995).

Para uma parcela considerável de pessoas, independentemente do sexo, a masculinidade constitui-se em uma aura masculina de competência e um modo de agir e falar perante os outros, que classifica os indivíduos imediatamente como masculinos. Estas imagens sobre a masculinidade são, assim, preservadas pelos costumes e comportamentos sociais ritualizados. Surgem desta ritualização diversos ditados populares: *Seja homem!* ou *Meninos não choram!*. Estes ditados, ao serem corriqueiramente recitados durante nosso processo de crescimento e educação, acabam por se tornar referência para as nossas experiências pessoais. Andrew Tolson (1983), nesta mesma linha, aponta que a masculinidade acaba por se tornar um fenômeno institucional que:

(...) faz parte da linguagem formalizada, ou "código", cuja elaboração se encontra internamente ligada aos moldes da organização social. Há trabalhos de homem, distrações para homens, grupos sociais para homens – uma divisão sexual do trabalho assente no mais profundo dos pressupostos: "o lugar da mulher é em casa" (TOLSON, 1983, p. 10).

Como integrante do movimento de libertação dos homens¹⁶, o autor reconhece que a tomada de consciência proporcionada pelo movimento feminista foi um dos principais fatores para que os homens também repensassem suas experiências sociais e culturais através da perspectiva do gênero. Esta análise, por sua vez, deve ser introduzida por uma contextualização de como se deu a adoção desta nova ótica: a do gênero.

¹⁶ O movimento de libertação dos homens nasceu na metade da década de 70, e é constituído de vários grupos de homens que discutem sua existência social, detectando, assim como as mulheres, uma prisão no modelo patriarcal e hegemônico de sociedade.

2.2 Breve resgate dos estudos de gênero

Nos estudos de Elizabeth Badinter (1992), fica evidente que as discussões sobre os sexos remontam a um período anterior do que nós convencionamos a chamar de revolução sexual, qual seja, a década de sessenta. Segundo a autora, os textos de defesa das mulheres e seus direitos já existiam na Grécia Antiga, e há referência contínua à dominação sofrida por este gênero também entre os intelectuais iluministas, marxistas e liberais.

Teresita De Barbieri (1993) aponta que o movimento feminista que *ressurgiu* nos anos sessenta, de fato, traz em sua concepção uma extrapolação das lutas feministas: da esfera da aquisição dos direitos, para a compreensão da dominação, de forma a demonstrar que o exercício do poder sobre as mulheres não se dá apenas no exercício do poder estatal e seu aparato burocrático, mas na presença de um “poder múltiplo, localizado em diferentes espaços sociais, que pode inclusive não se vestir das roupagens de autoridade, mas com nobres sentimentos de afeto, ternura e amor” (DE BARBIERI, 1993, p. 02).

Além disso, como nos mostram as discussões de Sandra Harding (1987), outra particularidade do movimento feminista está em colocar na pauta uma dupla proposta que consiste na coexistência de interesses políticos, uma vez que não foram abandonadas as lutas por direitos e políticas públicas específicas, e interesses científicos, estes traduzidos no desejo de transformar a sociedade a partir de uma ciência que também contemple a voz dos subordinados, que agora se encontram capazes de construir uma análise crítica de sua situação. Na mesma linha de pensamento, Joan Scott coloca que:

(...) as pesquisadoras feministas assinalaram desde o início que os estudos das mulheres não acrescentariam somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente (SCOTT, 1995, p. 73).

Assim, percebemos que o movimento feminista consolida-se também na ambição em conquistar espaço na discussão de novos parâmetros epistemológicos da construção do conhecimento.

A fase clássica da reflexão feminista, conforme o exposto por Enrique Gomáriz (1992), consolida-se no período de conclusão da Segunda Guerra Mundial, que inaugura uma conjuntura favorável à não-discriminação, seja ela baseada no sexo, etnia ou nacionalidade. É esta nova perspectiva que proporciona o aumento

da abrangência da conquista dos direitos civis para mulheres, negros e outras minorias em diversos países. Tendo “esgotado” o debate da igual distribuição do acesso aos direitos civis, desloca-se o foco para a constituição cultural das diferenciações entre os indivíduos.

A obra *O Segundo Sexo*, de Simone Beauvoir (1940), instaura o debate da dimensão cultural dos lugares sociais e políticos que os indivíduos ocupam na sociedade. No caso das mulheres, a obra se propõe a analisar como se deu a construção do arcabouço sociológico, psicanalítico e filosófico que determinou o lugar social das mesmas como “cidadãs de segunda classe”.

Dessa forma, a reflexão desenvolvida a partir da segunda metade dos anos sessenta, conhecida como novo feminismo, é influenciada pelo espírito antiautoritário que prevalece nas discussões dos movimentos sociais aliado às mudanças no ciclo de vida das mulheres (expectativa de vida, diminuição da fecundidade), à maior equidade na formação educacional em comparação aos homens e à inovadora (para a época) separação entre reprodução e sexualidade a partir do surgimento da pílula anticoncepcional. Os estudos, dessa forma, se direcionam para a formação de um movimento social que irá, radicalmente, discutir a condição feminina. Como confirma em sua dissertação de mestrado, Benedito Medrado (1997):

Como proposta, pesquisadoras feministas pretendiam criticar a produção de abordagens explicativas que reforçavam a noção de inferioridade feminina, além de implementar uma re-estruturação do conhecimento das ciências humanas e sociais, através da introdução do conceito de gênero como categoria de análise (MEDRADO, 1997, p. 24).

Os estudos feministas chegam ao final dos anos setenta embasados na formulação da dominação patriarcal, cujo centro argumentativo reside em estabelecer o sistema patriarcal como um sistema político que, conscientemente, tem como finalidade a subordinação das mulheres tanto através de políticas estatais, quanto dos arranjos da intimidade e da família. Fica, então, evidente que a mudança da situação da mulher pressupõe uma modificação igualmente revolucionária na organização das sociedades e nas experiências íntimas.

Impulsionada também pelos estudos da biologia e da etiologia, que procuram fundamentar a diferenciação biológica entre os sexos, uma fração do feminismo da metade dos anos setenta busca dialogar com estas descobertas, construindo a abordagem do “feminismo da diferença”, que enaltece a capacidade feminina de

carregar a prole no ventre (inveja do útero), colocando de forma glorificante tudo aquilo que caracterizaria a mulher (a sensualidade, o prazer, a emotividade).

Mesmo com diversas conquistas políticas, o movimento feminista do final dos anos setenta encontra-se ainda composto por inúmeras vozes. Assim, deslocam-se as pautas ainda vigentes das lutas das mulheres da rua para a esfera institucional burocrática e científica, a primeira através da discriminação positiva (cessão de espaço/vagas para mulheres na estrutura estatal e espaços de exercício do poder) e a segunda, na criação de diversos departamentos acadêmicos cujo foco está nos estudos da mulher, através da produção teórico-científica sobre esta temática.

A complexidade dos estudos de gênero irá acentuar-se ao longo da década seguinte. O aumento no número de posicionamentos acerca do *status* social e sociológico da mulher dá-se especialmente nos embates das teóricas do “feminismo da diferença” e do “feminismo da igualdade”, este último caracterizado pela associação que estabelece entre a dominação de classe e a opressão patriarcal, consoante ensina Saffioti (2001).

Outro viés reflexivo importante aponta para a necessidade das mulheres de buscar o equilíbrio entre a luta que ainda se mostra necessária para conquistar o reconhecimento na esfera pública, profissional e social, e as necessidades íntimas de afeto nas esferas familiares e amorosas. Este eixo foi especialmente trabalhado por Friedan em seu livro *The Second Stage* (1998), que para tal feito trazia também uma análise reflexiva de como haviam se dado as ações do movimento feminista na década anterior.

O que é necessário agora é ultrapassar a ideologia, velhos modos de pensamento político e ir em direção ao segundo estágio – para as mulheres, e para a democracia americana. Isto soa muito grandioso? O argumento é simples: perturbador ou animador o quanto pareça conviver com esses problemas aparentemente insolúveis, no atual fluxo do movimento para a igualdade, tais problemas são evidentemente mais fáceis para mulheres e homens vivenciarem do que pensar sobre, pelo menos sob os antigos moldes de pensamento político¹⁷ (FRIEDAN, 1998, p. 228).

A principal contribuição teórica da década de oitenta foi o sistema sexo-gênero, que, em certa medida, chega a extrapolar os pressupostos da teoria sobre o patriarcado. De Barbieri (1993) descreve três posicionamentos relevantes da teoria de gênero: o primeiro formado pelos autores que pensam o gênero como um sistema hierarquizado de *status* ou prestígio social, como Nancy Chodorow e Carol

¹⁷ Tradução livre da autora.

Gilligan. Suas proposições serviram para embasar a análise feita a partir do feminismo da diferença:

Meninas e meninos desenvolvem diferentes capacidades relacionais e percepções de si como resultado de crescer em uma família em que a mulher cria as crianças. Estas personalidades generificadas são reforçadas pelas diferenças no processo de identificação de meninos e meninas que também resulta da criação das mulheres. Diferentes capacidades relacionais e formas de identificação preparam mulheres e homens para assumir os papéis generificados adultos que situam a mulher primariamente na esfera da reprodução numa sociedade sexualmente desigual¹⁸ (CHODOROW, 1999, p. 173)

A segunda orientação elencada por De Barbieri (*ibid.*) coloca a divisão social do trabalho como elemento principal da desigualdade e, por isto, foca suas análises na inserção da mulher no mercado de trabalho, seu nível de participação em sindicatos, que cargos ocupam e assim por diante.

A terceira abordagem enxerga os sistemas de gênero como sistemas de poder, resultado de um conflito social de dominação, como trabalhado por Michel Foucault (1999; 2004). Este estabelece a dominação através da percepção de quem (estrutura ou grupo/pessoa) detém o poder de operação dos dispositivos da sexualidade, responsáveis pelos discursos legítimos, valorizados ou recriminados em uma determinada sociedade. Como o próprio autor elabora a respeito da *scientia sexualis*:

Consideramos os grandes marcos históricos: em ruptura com as tradições da *ars erotica*, nossa sociedade constituiu a *scientia sexualis*. Mais precisamente, atribuiu-se a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto tentando ajustar não sem dificuldade, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico. A *scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, que constituiu, no Ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade sobre o sexo. Desde o século XVI, este rito fora pouco a pouco desvinculado do sacramento da penitência e, por intermédio da condução das almas e da direção espiritual – *ars artium* – emigrou para a pedagogia, para as relações entre adultos e crianças, para as relações familiares, a medicina e a psiquiatria. Em todo caso, há quase 150 anos, um complexo dispositivo foi instaurado para induzir discursos verdadeiros sobre o sexo: um dispositivo que abarca amplamente a história, pois vincula a velha injunção da confissão aos métodos de escuta clínica. E, através deste dispositivo, pode aparecer algo como a ‘sexualidade’ enquanto verdade do sexo e de seus prazeres (FOUCAULT, 1999, p. 66-67).

Por sua vez, a teoria social encontrava-se, nessa mesma década, envolta em uma série de debates que se caracterizavam principalmente pelo questionamento dos paradigmas clássicos fomentado pelas discrepâncias entre a produção teórica e

¹⁸ Tradução livre da autora

a investigação empírica. Diante deste panorama, um elemento novo surge a partir das pesquisas acerca da sexualidade e gênero: o gênero masculino.

Desde a década de setenta, já havia considerações por parte das principais correntes teóricas de que não haveria finalidade em estudar gênero se este apenas se referisse como um sinônimo “menos confrontador” de mulheres, eis que o gênero inclui homens e mulheres, e estes devem ser analisados de forma conjugada e relacional. Este aspecto constitui uma novidade, uma vez que o foco não será apenas na sua biologia, nem mesmo apenas no seu *status*, percebido enquanto dominante, mas recai também na construção deste *status*, em perceber as correspondências entre a construção social de uma masculinidade e práticas individuais, conforme aponta Kimmel (1992).

Durante os anos oitenta, a produção teórica e intelectual sobre masculinidades consegue situar-se entre o rol de pesquisas que compete aos estudos de gênero. Neste período, as discussões sobre a constituição social do homem avançam e chegam à bifurcação que Gomáriz (1992) identifica ser central aos *men's studies*: “por um lado se segue a produção procedente dos “aliados” do feminismo (Kimmel, 1991) e, por outro lado, uma série de homens busca estudar de forma autônoma a masculinidade” (GOMÁRIZ, 1992, p. 16).

Dentre esses estudos autônomos, cabe uma importante diferenciação: entre aqueles que possuem uma matriz mais analítica, compartilhada com os estudos feministas, com suas abordagens neomarxistas, psicanalíticas e pós-estruturalistas. Esta corrente reconhece o avanço das discussões inauguradas pelo feminismo, inclusive também adotando a conceitualização de gênero proposta pelas teóricas feministas, mas aponta para as limitações impostas à produção intelectual, principalmente fruto da complexidade e do caráter múltiplo das relações existentes entre masculinidade e feminilidade, e aqueles que constituem um movimento de crescimento pessoal, de busca de uma essência masculina, o “mitopoético”, cujo principal nome é o escritor Robert Bly, nas palavras de R. W. Connell (2005, p. xiii): “uma mistura de psicologia pop (N.A. no sentido de popular), história amadora e mitificação doentia”.

Em comum, essas duas vertentes adotam a compreensão de que o feminismo foi o grande responsável pela evidência do gênero como um dos principais pilares de organização da vida social. Comprova-se, assim, que o gênero

se constituiu em um importante recorte analítico da realidade social, juntamente com as categorias de classe e raça/etnia.

Outra consideração importante a fazer, antes de discorrer mais profundamente sobre os estudos de masculinidade, é o fato de que, assim como o feminismo, a masculinidade será discutida inicialmente em sua maioria por homens, sem considerar a palavra “homem” como sinônimo de ser humano, mas como indivíduo generificado, que se preocupa com os mesmos problemas de gênero e que se percebe sujeito às semelhantes configurações dos arranjos desse gênero.

2.3 *Men's Studies*: os estudos sobre as masculinidades

Os estudos sobre masculinidades, dentro das teorias sobre gênero, buscam, principalmente, construir o conhecimento sobre os homens nas relações de gênero de uma maneira mais detalhada, específica e diferenciada, de modo a ir além da conceitualização abstrata dos papéis sexuais que predominava até o início da década de noventa.

Tanto as pesquisas realizadas nos espaços de socialização masculinos, as casas-dos-homens, segundo a denominação dada por Welzer-Lang (2001, p. 462), quanto aquelas desenvolvidas através dos estudos feministas e *gays* sobre as práticas de gênero dos homens preocuparam-se em perceber como as mudanças entre estes estariam ligadas ao feminismo contemporâneo, e também se interessavam por usar as pesquisas sobre masculinidades como ferramenta para compreender e combater a violência, conforme Connell (2005, p. xiv).

O crescimento do campo de estudos aponta, assim, para avanços sobre o conhecimento das relações de gênero à medida que suas aplicações práticas se estabelecem em um rol amplo de áreas que envolvem a educação, saúde, violência, paternidade/família, psicoterapia, entre outros.

2.3.1 As masculinidades como ciência

Apesar de nunca haver escrito especificamente sobre a masculinidade, Freud foi o responsável por “desnaturalizá-la” e colocá-la como objeto de estudo possível e necessário, como coloca Bem (1993). Suas proposições se desenvolveram em três etapas: 1) a compreensão de que a sexualidade adulta e o gênero não são fixados

pela natureza, mas construídos através dos conflitos que orientam a existência do indivíduo; 2) a formulação teórica do Complexo de Édipo, que percebia a masculinidade construída através da abordagem estrutural dos aspectos generificados e sexuais do indivíduo; e 3) o entendimento da dimensão sociológica na formação do superego.

De maneira geral, Freud ajudou a construir um método de pesquisa, o psicanalítico, que produziu o primeiro mapeamento do desenvolvimento das masculinidades e apontou para a complexidade e limitações desta ideia. O ponto de maior ênfase foi o fato de que a masculinidade não existe em sua forma pura, sendo moldada pelos conflitos internos e externos que se desenvolvem ao longo do ciclo de vida.

A primeira formulação científica importante foi centrada na ideia dos papéis sexuais. Já no século XIX, este termo era usado, principalmente, para justificar a doutrina das diferenças sexuais inatas e, desta forma, abafar as reivindicações de emancipação feminina. Por exemplo, este argumento foi bastante utilizado para manter afastadas as mulheres do espaço universitário, pois estas possuiriam um equilíbrio cerebral muito delicado que não resistiria às pressões e rotinas do mundo acadêmico, o que também acabaria por torná-las inaptas ao exercício da maternidade.

Por volta da metade do século XX, as pesquisas sobre as diferenças sexuais associaram-se às incursões realizadas na área dos papéis sociais, o que resultou na formulação do termo conhecido por papéis sexuais, que é utilizado até os dias atuais. O termo, de ampla aceitação até mesmo em espaços extra-acadêmicos, é uma construção das Ciências Sociais que se refere à correlação entre a ideia de lugar social e a ideia de normas culturais que tratam das diferenças entre homens e mulheres.

A aplicação mais comum desse conceito afirma que ser homem ou mulher significa agir de acordo com um esquema geral de expectativas associadas ao sexo biológico. De acordo com tal abordagem, há sempre dois papéis sexuais em qualquer contexto cultural, o masculino e o feminino, ou seja, o que fazem os homens e o que fazem as mulheres. Sendo assim, a masculinidade e a feminilidade, de acordo com a teoria dos papéis sexuais, é o resultado da socialização dos indivíduos a partir destas expectativas.

Essa teoria representa um avanço à abordagem psicanalítica, na medida em que os papéis sexuais permitem pensar a mudança dos caracteres que fundamentam estes papéis. Como as normas são aspectos sociais, elas podem ser alteradas por processos sociais desencadeados pelos agentes de socialização (família, escola, mídia) quando estes elencarem expectativas diferentes para homens e mulheres. Mesmo assim, para a maior parte dos pesquisadores desta área, os papéis sexuais eram bem definidos, a socialização se daria de maneira harmoniosa e a aprendizagem destes papéis seria saudável. Os papéis sexuais eram tidos como responsáveis pela estabilidade social, pois proviam a fundação para o pleno exercício das funções sociais, segundo Connell (2005, p. 23).

Tamanha conformação quanto à naturalidade dos papéis sexuais foi combustível para que o feminismo, a partir dos anos setenta, passasse a questionar este modelo de socialização e as justificativas para tal. A academia feminista foi a principal responsável pela avalanche de estudos acerca das diferenças sexuais que vemos até hoje. A pressuposição principal da pesquisa sobre papéis era que o sexo feminino era oprimido, pois a internalização do que vinha a ser o papel feminino geraria o aprisionamento de meninas e mulheres em posições subordinadas. A pesquisa, então, tornou-se uma ferramenta política capaz, como discutida por Sandra Harding (1987), de definir o problema científico e social e sugerir as estratégias para sua superação:

Note que é 'experiências feministas' no plural que provê as novas fontes de pesquisa. Esta formulação demonstra diversas maneiras em que as melhores análises feministas diferem das tradicionais. Por exemplo, uma vez que percebamos que não existe homem universal, mas apenas homens e mulheres culturalmente diferentes, a companhia 'masculina' eterna – a 'mulher' – também desaparece. Isto é, mulheres vêm apenas em raças, classes e culturas diferentes: não existe a 'mulher' e a 'experiência feminina' (HARDING, 1987, p. 07).

Um movimento contemporâneo, a partir da metade da década de setenta, também colocava em questão a teoria dos papéis sexuais, porém desta vez sob o ponto de vista dos homens, que, através do Movimento de Liberação do Homem, indicava o papel sexual masculino como opressivo e que este deveria ser mudado ou abandonado. A ideia dos estudos sobre homens (*men's studies*) estava lançada.

O autor Joseph Pleck é um dos principais expoentes na guinada dos estudos sobre homens por meio da discussão do contraste entre o homem "tradicional" e "moderno", abordando temas como a psicologia, discussão política, divisão mais igualitária, autoajuda e a busca dos homens por melhor adaptar-se aos novos

tempos. Em seu livro *The myth of masculinity* (1981), o autor estabelece a crítica ao paradigma da “identidade do papel sexual masculino” (como denomina a teoria dos papéis sexuais) principalmente pela suposição da concordância entre a norma e a personalidade – a ideia de que a conformidade às normas dos papéis sexuais é o que promove o ajustamento psicológico.

Sua crítica serviu principalmente para mostrar que o corrente discurso funcionalista a respeito dos papéis sexuais possui poucas provas empíricas que deem suporte à suas proposições principais. Para Pleck (1981), o surgimento da teoria normativa dos papéis sexuais é em si uma forma de política de gênero. Mudanças históricas nas relações de gênero demandam uma transformação na forma de controle social sobre os homens, do controle interno e externo.

O conceito de identidade do papel sexual impede que os indivíduos que violam o papel tradicional para o seu sexo o desafiem; ao invés disto, eles se sentem pessoalmente inadequados e inseguros¹⁹ (PLECK, 1981, p. 160).

A teoria dos papéis é em si bastante vaga. O mesmo termo (papéis) é utilizado para se referir a uma ocupação, *status* político, uma transição no estágio da vida e gênero. Por ser tão versátil, tanto em seu uso, quanto em sua formulação, esta teoria costuma levar a grandes incoerências quanto à análise da vida social. A teoria dos papéis exagera o nível em que os comportamentos pessoais são, de fato, prescritos. Contudo, ao mesmo tempo, se percebermos que as prescrições são recíprocas, minimiza a desigualdade social e de poder.

Os papéis sexuais são assim definidos de forma dicotômica, dado que a polarização é essencial para o conceito, o que leva a uma percepção distorcida da realidade, em que as diferenças essencialistas e biológicas entre homens e mulheres obscurecem as estruturas de etnia, classe e sexualidade. Exemplo disto é que a formulação acerca do papel sexual masculino ignora a homossexualidade, tendo sido esta, por muito tempo, associada à abdicação de determinados homens de seu papel “natural” masculino para a adoção do feminino.

2.3.2 As masculinidades sob o olhar das Ciências Humanas

Os elementos acerca de uma nova abordagem sobre as masculinidades logo se tornaram assunto para uma série de disciplinas nas Ciências Humanas e Sociais.

¹⁹ Tradução livre da autora

Um dos aspectos principais deste interesse foi a percepção da ampla variedade e das transformações em relação às masculinidades por parte da História e da Antropologia, como expõe Connell (2005, p. 27).

A escrita histórica sempre foi sobre os homens, principalmente os ricos e famosos. Este fato foi exaustivamente criticado por parte das feministas, como Lerner (1986), levando à escrita de uma “História das Mulheres” e à busca por um maior equilíbrio entre o que se sabe da existência e feitos históricos protagonizados por ambos. Foi esta ideia de reciprocidade que fomentou, também, a produção de uma nova “História dos Homens”, que prezasse pela ênfase na historicização do papel sexual/social masculino. Todavia, tanto a literatura que discutia o papel sexual masculino, quanto este outro movimento que focava na historicização das práticas masculinas pecavam pela imprecisão quanto à esfera de ação e de exercício das masculinidades. Os trabalhos findavam por recair na generalidade que os autores do início da década de oitenta já vinham criticando.

Com isso não quero afirmar que a abordagem alternativa aos papéis sexuais se encerre no mesmo engessamento da teoria dos papéis. De fato, ela conseguiu alterar o foco da atenção para as instituições que produzem e reproduzem a normatividade que molda masculinidades e feminilidades. Como afirma Robert Connell (2005):

A masculinidade não é apenas uma idéia na cabeça, ou uma identidade pessoal. Também se estende sobre o mundo, diluída nas relações sociais organizadas. Para historicamente entender a masculinidade, devemos estudar as mudanças nestas relações sociais²⁰ (CONNELL, 2005, p. 29).

Um exemplo desse tipo de pesquisa é a realizada por Willian Santos (2007, p.130-157), que trata de identificar as percepções das masculinidades entre jovens de baixa renda. O intuito desta pesquisa era, através de entrevistas semiestruturadas com dezessete jovens na periferia da cidade de João Pessoa, Paraíba, perceber em seus discursos os parâmetros utilizados por esta população no fazer-se homem. Para tal, além das entrevistas, foi utilizado o método da observação para analisar qual o modo de relacionamento dos jovens em questão com os níveis estruturais da sociedade, como a família, o mercado de trabalho e os relacionamentos íntimos. O resultado desta investigação apontou para a prevalência de um modelo patriarcal de masculinidade que se embasava, principalmente, na

²⁰ Tradução livre da autora.

visão dos jovens de que deveriam ser os responsáveis financeiramente pela família e, assim, necessitavam estar inseridos no mercado de trabalho.

Esta abordagem historicizada/contextualizada nos favorece, à medida que nos faz perceber que até o espírito de equipe comum a alguns esportes tidos como masculinos, como o futebol, o rúgbi e o futebol americano, foi valorizado pelos governos como forma de moldar um modelo de masculinidade que era ideal na conjuntura política internacional, especialmente na primeira metade do século XX, como nos mostram Messner & Sabo (1990) e Messner (1992):

A análise histórica do esporte revela que grupos dominantes moldaram e utilizaram o esporte para manter o controle, mas grupos subordinados às vezes também utilizavam o esporte para contestar este controle. Por exemplo, o historiador J. A. Mangan demonstrou que no final do século XIX e início do século XX, os Britânicos conscientemente desenvolveram o esporte em suas escolas públicas como um modo de preparar os meninos para um dia administrarem o Império. Esportes de equipes, baseados na dominação sobre outros e na deferência à autoridade dos líderes eram valorizados enquanto maneiras de inculcar 'iniciativa e autoconfiança', juntamente com 'lealdade e obediência'. Em resumo, os Britânicos promoveram, desenvolveram e usaram o esporte para socializar os garotos de acordo com certa masculinidade, cuja razão de ser era a administração da dominação sobre os (a maioria não-brancos) povos colonizados²¹ (MESSNER, 1992, p. 10).

Ou seja, consoante afirmado, a produção de uma masculinidade exemplar particular requer uma luta política em que tipos alternativos de ser homem são subordinados, derrotados.

Os estudos sobre masculinidades também floresceram sob o olhar da Antropologia. Particularmente, sob o enfoque dos grupos sociais, em menor escala através do método etnográfico, que ajudaram a formar a mina de informações que mais tarde foram debatidas na psicologia, feminismo e na teoria dos papéis sexuais. Os estudos que visavam a analisar as estruturas das sociedades primitivas forneciam inúmeros dados sobre o gênero e organização de parentesco nestes grupos.

As pesquisas etnográficas abordavam os temas relativos à masculinidade e socialização do homem como um meio para identificar as divisões do trabalho, grupos políticos, parentesco, sexualidade e outros padrões organizacionais que, através de uma determinada compreensão do gênero e do sexo, dariam forma à estrutura social dos povos.

²¹ Tradução livre da autora

A maioria das pesquisas nessa área, no que concernem às masculinidades, identifica que cada sociedade possui um ritual de entrada e socialização dos meninos à vida adulta enquanto homem: os Sambia, na Papua Nova Guiné, os ladrões de ovelhas, em Creta, os povos Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, de Margareth Mead. Como conclusão, estes estudos atestam que a masculinidade é algo difícil de atingir, sempre implicando grande empenho por parte dos meninos para alcançar determinados parâmetros, estes representando as qualidades que cada sociedade valoriza para dar forma ao modelo de masculinidade a ser seguido.

A Sociologia, especialmente a partir da década de oitenta, tem abordado de forma mais profícua a construção das masculinidades no cotidiano, a importância das estruturas econômicas e institucionais para esta construção, o significado de diferentes masculinidades e o caráter dinâmico e contraditório do gênero.

A ideia de que o gênero não se constitui de modo anterior à interação social, mas se dá durante a interação, é um tema importante na moderna sociologia de gênero. Esta preocupação se estende aos estudos sobre as masculinidades, como exposto nas pesquisas realizadas por Messner (1992) sobre os atletas profissionais, e Klein (1993), que aborda, através da observação-participante, a construção do gênero e das masculinidades no espaço da prática do *bodybuilding*.

Assim como as elaborações acerca dos papéis sexuais, a novidade no trabalho sociológico sobre as masculinidades reside nas ponderações sobre as convenções públicas sobre o assunto. Todavia, não as considera passivamente absorvidas e utilizadas pelos indivíduos. A nova abordagem procura compreender o fazer e refazer das convenções nas práticas sociais em si.

Por um lado, isto leva à centralidade nos interesses individuais e coletivos que são mobilizados e às técnicas utilizadas para tal. Por outro, leva à curiosidade pelas forças que contrabalanceiam ou limitam a produção de um determinado tipo de masculinidade. Nos trabalhos de Messner (1992) e Klein (1993), citados anteriormente, esta discrepância se daria, respectivamente, nos limites impostos pelas lesões às carreiras dos atletas e as implicações sobre o desempenho sexual entre praticantes do fisiculturismo.

Um desencadeamento importante dessas observações a respeito da construção das masculinidades e os espaços onde ocorre essa construção referem-se à compreensão de que não apenas um modelo de masculinidade é criado, mas tantas outras quanto possíveis também se formam. Reconhecer a diversidade deste

processo não é suficiente. Devemos reconhecer, sim, as relações que se estabelecem entre os diferentes tipos de masculinidades: relações de aliança, dominação e subalternidade. Estas relações são estabelecidas por meio de práticas de exclusão e inclusão, que intimidam, exploram e assim por diante²². Esta é uma política de gênero determinante dentro do tema de masculinidades.

As masculinidades são configurações de prática, consoante Connell (1995), assim compreendidas, da mesma maneira que as feminilidades, enquanto um processo de construção social que ocorre no nível histórico, contextual e relacional. E, ainda, variam temporalmente (em uma mesma cultura), espacialmente (entre diferentes culturas) e longitudinalmente (na vida de cada indivíduo), conforme o exposto por Santos (2007) e Badinter (1995):

Nossa própria sociedade é um bom lugar para se perceber esta diversidade. As masculinidades variam de acordo com o período histórico e também de acordo com a idade, raça e classe do homem²³ (BADINTER, 1995, p. 26).

Sendo assim, uma das principais propostas dos estudos sobre homens consiste em analisar qual o posicionamento destes (homossexuais ou heterossexuais) perante as sucessivas mudanças culturais, especialmente aquelas promovidas pelo movimento feminista e de liberação *gay*.

Robert Connell (1995, 2005), ao afirmar que existe uma masculinidade hegemônica, não a qualifica enquanto modelo fixo, uma vez que esta não existe apenas de uma maneira em todos os espaços. O autor a define como um arranjo de gênero que ocupa uma posição privilegiada dentre as relações de gênero, uma posição que é constantemente questionada pelos outros modelos e relações. Devemos, então, atentar para processos e relações pelos quais homens e mulheres se inserem na esfera do gênero, como sugerido por Connell:

Ao invés de tentar definir a masculinidade como um objeto (um tipo característico natural, uma média comportamental, uma norma) precisamos focar nos processos e relacionamentos através dos quais homens e mulheres conduzem suas vidas gendradas. ‘Masculinidade’, sendo assim, pode ser definida como um lugar nas relações de gênero, as práticas através das quais homens e mulheres comprometem esse lugar de gênero, e os efeitos destas práticas na experiência corporal, personalidade e cultura²⁴.(CONNELL, R. In WHITEHEAD et BARRET, 2004, p.33-34).

²² Como exemplo, a própria prática do *bullying* nas escolas e no ambiente de trabalho.

²³ Tradução livre da autora.

²⁴ Tradução livre da autora.

O entendimento, então, é de que as masculinidades são essencialmente relacionais e existem em contrapartida com as feminilidades. Três dimensões influenciam sua configuração, ainda mais após as transformações culturais das últimas três décadas: 1) relações de poder, demarcadas principalmente pelo poder patriarcal que subordina mulheres e domina outros homens; 2) relações de produção, que se realizam na divisão sexual do trabalho e desigualdades subsequentes; 3) relações emocionais, que tratam do desejo e dos relacionamentos.

A masculinidade hegemônica apresenta-se, assim, enquanto um conjunto de valores enaltecidos através das práticas individuais, instituições e relações sociais que mostram o homem como superior em termos de poder social sobre as mulheres e outros homens (homossexuais, negros, trabalhadores braçais), acarretando o posicionamento desta masculinidade enquanto dominador e subjogador de tudo o que for considerado feminino ou não conforme características valorizadas.

Sócrates Nolasco (1993) reforça esse caráter cultural dos valores que irão compreender o processo de formação das masculinidades nas diversas sociedades. Porém, detecta o fator em comum dos ritos de passagem da infância para a fase adulta que, no caso das sociedades latinas (inclusive o Brasil), consiste em inculcar nos meninos, principalmente através da socialização na família e na escola, os ideais do homem provedor, protetor, potente e viril que toma para si as responsabilidades em relação à sua família e sua comunidade, consoante Castañeda (2006, p. 182-184).

2.4 Organização social e política das masculinidades

Todas as sociedades possuem suas ponderações sobre gênero, mas nem todas possuem o conceito de “masculinidade”. Em seu uso moderno, este conceito implica dizer que o tipo de pessoa que se é advém do tipo de comportamento que se adota. Ou seja, não é másculo aquele que não consegue chutar uma bola, que não se interessa por conquistas sexuais, que seja conciliador. Assim, o termo refere-se à crença nas diferenças individuais e nas ações dos indivíduos.

Muito dessa concepção é fruto da valorização do indivíduo liberal e seus aspectos, do “fazer a si mesmo”. Porém, ela também é relacional. Masculinidade não existe se não em contraposição à feminilidade. Uma cultura que não pense homens e mulheres como portadores de caracteres que os tornam

diferentes/divergentes não possui, de fato, um conceito de masculinidade. Segue um fragmento que aponta a dimensão biológica, social e política destas diferenciações nas sociedades ocidentais:

A pesquisa histórica sugere que era verdade na cultura europeia antes do século XVIII. As mulheres eram tidas como diferentes dos homens, mas diferentes no sentido de incompletas ou de exemplares inferiores de um mesmo ser (por exemplo, tendo menos da faculdade da razão). Homens e mulheres não eram vistos como possuidores de caracteres qualitativos diferentes; esta concepção acompanhou a ideologia burguesa das 'esferas separadas' no século XIX (CONNELL, 2005, 68).

Podemos inferir que o conceito de masculinidade é bastante recente, contando, no máximo, duzentos anos. Ao falarmos de masculinidade como um todo, já estamos considerando uma maneira bastante particular de olhar as relações de gênero.

As definições de masculinidade têm adotado o ponto de vista cultural do Ocidente, mas seguem diferentes estratégias para delimitar o que é a pessoa masculina. Dentre estes caminhos, quatro estratégias se diferenciam em termos de lógica, mesmo que frequentemente combinados na prática. Segundo Connell (2005), são as seguintes:

a) Essencialista

Compreende a escolha de uma característica específica que possa abarcar a essência masculina. A psicanálise flertou com esta vertente ao comparar, de maneira simplificada, a atividade masculina em contraste com a passividade feminina, que futuramente também serviria para localizar socialmente heterossexuais e homossexuais, aqueles ativos e estes passivos. Autores mais contemporâneos têm adotado outros tantos caracteres para estabelecer essa essência: sujeição ao risco, responsabilidade, irresponsabilidade, agressividade etc. O ponto fraco desta visão é óbvio: a escolha do que comporia esta essência é bastante arbitrária. Alegações sobre uma base universal para a masculinidade nos dizem muito sobre o *ethos* dos indivíduos analisados, mas não vai muito além disto;

b) Positivista

Seu *ethos* focaliza a busca de fatos sobre o que os homens são. Esta definição orienta as análises psicológicas para discriminar os grupos masculinos e femininos. Também orienta estudos etnográficos que buscam analisar os padrões de masculinidade em diferentes culturas, baseando-se principalmente em descrições.

Algumas dificuldades se desenham neste ponto: 1) não existe descrição que não se oriente por um ponto de vista, ou seja, não existem descrições neutras. Neste caso, as observações são sustentadas por concepções sobre gênero; 2) o rol de características pelos quais os indivíduos são classificados como “homens” e “mulheres” é formado através de um processo de atribuição social que utiliza caracteres de gênero do senso comum; e 3) definir a masculinidade como o que os homens são empiricamente acaba por descartar a possibilidade de uso dos termos “masculino” e “feminino” para qualificar ações executadas por homens ou mulheres. Se falássemos apenas das diferenças entre homens e mulheres em bloco, não precisaríamos dos termos “masculino” e “feminino”, poderíamos apenas dizer “homens” e “mulheres”, “machos” e “fêmeas”. Os termos “masculino” e “feminino” apontam para além das diferenças categóricas e estabelecem diferenças entre os homens e entre as mulheres;

c) Normativa

Definições deste tipo reconhecem as diferenças e oferecem como padrão que a masculinidade é o que os homens deveriam ser. Esta compreensão é comum nos estudos de mídia. Ao oferecer um protótipo do que seria um homem, esta abordagem permite que diferentes homens se aproximem deste ideal em vários níveis. Todavia, esta análise tende a produzir paradoxos, uma vez que poucos homens conseguem alcançar o ideal difundido, por exemplo a virilidade e força do John Wayne. A questão que se apresenta é que, dado que a maioria dos homens encontra-se distantes desse ideal, estamos assim dizendo que estes não são másculos? Este tipo de contradição constitui a fraqueza central desta visão;

d) Semiótica

Estabelece a masculinidade através de um sistema simbólico formado na contraposição com a feminilidade. Masculinidade é não-feminilidade. Esta definição tem sido bastante efetiva nos estudos culturais, pois escapa da arbitrariedade do essencialismo e dos paradoxos das análises positivistas e normativas. A grande contribuição desta área está em preservar o sentido de conexão, a ideia de que um símbolo apenas pode ser entendido dentro de um esquema simbólico: nenhuma masculinidade acontece fora de um sistema de gênero.

Ao invés de tentarmos definir masculinidade enquanto objeto (uma norma, um comportamento), precisamos focar nos processos e relacionamentos nos quais homens e mulheres constroem suas vidas generificadas. Masculinidade(s) são, assim, um lugar nas relações de gênero, as práticas dos homens que empregam que os localiza no âmbito do gênero e os efeitos destas práticas na experiência corporal, personalidade e cultura.

2.4.1 Gênero enquanto estrutura das práticas sociais

O gênero é um meio pelo qual a prática social é ordenada. Em seus processos, a prática cotidiana também é organizada em relação à arena reprodutiva²⁵. Refiro-me a esta como reprodutiva e não biológica, pois estamos tratando dos processos históricos que envolvem o corpo generificado, não nos prendendo em determinantes biológicos. O gênero é a prática social que lida com os corpos e com o que eles fazem, como se portam, mas não uma prática que se reduz ao corpo. Sendo assim, o gênero existe na medida em que a biologia não determina o social, marcando um daqueles pontos de transição onde o processo histórico se sobrepõe à evolução biológica como meio de mudança.

A prática social, devido à sua possibilidade criativa e inventiva, responde a situações particulares e é gerada dentro dos limites impostos pelas estruturas das relações sociais. Assim, as relações de gênero, que ocorrem entre pessoas e grupos organizados dentro da arena reprodutiva, formam uma das maiores estruturas documentadas nas sociedades.

A prática relacionada a essa estrutura, gerada na medida em que pessoas e grupos lidam com suas situações históricas, não consiste em atos isolados. As ações são configuradas em grandes unidades, e quando falamos de masculinidade e feminilidade, estamos nomeando configurações de práticas de gênero (CONNELL, 2005, p. 72).

Para melhor compreensão do conceito de configuração, seria interessante compreendê-lo como, por meio da valorização do aspecto processual da configuração de gênero, esta percepção mais dinâmica leva a ver o fenômeno enquanto um projeto em que cada indivíduo constitui a sua própria masculinidade/feminilidade. Ainda, como aponta o autor, “estes são processos de

²⁵ Estruturas corporais e processos da reprodução humana. Essa arena inclui excitação sexual e ato, nascimento e cuidados infantis, diferenças sexuais corporais e similaridades.

configuração de prática através do tempo, que transformam seus pontos de partida em estruturas de gênero” (CONNELL, 2005, p. 72).

Essas configurações de prática são mais facilmente percebidas no curso de vida dos indivíduos, constituindo-se a base para as noções do senso comum do que vem a ser masculinidade/feminilidade. Estas configurações são o que a psicologia costuma entender como personalidade ou caráter. Para os pós-estruturalistas, este enfoque nos cursos de vida individuais negligencia que as identidades de gênero encontram-se cada vez mais fragmentadas e em mutação por causa das diversas influências e exposições à intersecção de discursos nos cursos de vida.

Numa aplicação que o próprio Nietzsche não teria antecipado ou aprovado, nós afirmaríamos como corolário: não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘ expressões’ tidas como seus resultados (BUTLER, 2010, p. 48).

Para Butler (2010), o gênero é organizado em práticas simbólicas que continuarão por muito mais tempo do que a vida dos indivíduos. Segundo a autora (ao dialogar com as formulações de Michel Foucault), a esfera do discurso/ideologia/cultura indica, também, a generificação das instituições que, em minha opinião, é um dos locais privilegiados de perpetuação de modelos de gênero.

O Estado, por exemplo, é uma instituição tida como masculina. Isto significa dizer que as práticas organizacionais do Estado são estruturadas em relação à arena reprodutiva: a grande maioria dos ocupantes dos cargos são homens, porque esta é a configuração de gênero para o recrutamento e promoção, para a divisão interna de funções, para a mobilização de vontades e permissões (o que se quer fazer e o que se pode).

A necessidade de uma estrutura de práticas de gênero em nada tem a ver com a biologia, com a reprodução do ser. A conexão com a arena reprodutiva é social. Um exemplo disto é a polêmica acerca dos *gays* nas forças armadas (BARRETT, F. In WHITEHEAD et BARRETT, 2001, p. 77-99): as regras que excluem soldados e marinheiros pelo gênero do seu objeto de desejo. Nos Estados Unidos, e também do Brasil, as críticas a tal tipo de restrição fomentaram o debate sobre a correlação entre as liberdades civis e a eficiência militar. Busca-se, aí, demonstrar que o objeto de desejo de um indivíduo tem pouco a ver com sua capacidade de integrar o contingente militar. Por outro lado, almirantes e generais procuram a frágil coesão das forças armadas baseados na importância cultural de

uma definição específica de masculinidade que pressupõe capacidade de liderança, agressividade, força física.

A masculinidade de qualquer pessoa, sendo uma configuração de prática, está simultaneamente localizada perante uma série de estruturas relacionais, que podem estar em trajetórias/momentos históricos diferentes. Portanto, as masculinidades, assim como as feminilidades, estão suscetíveis a contradições internas e rupturas históricas.

Essa questão pode ser abordada através do elenco de três esferas principais na estrutura de gênero, distinguindo três relações principais, de acordo com o escrito e reafirmado em diversos textos de Connell (1987, 1995a, 2005).

a) Relações de poder

O principal eixo do poder na ordem contemporânea de gênero é a subordinação global das mulheres e dominação dos homens – estrutura denominada, já nos anos setenta, de patriarcado. Esta estrutura geral persiste apesar de vários reveses locais (avanço das mulheres no mercado de trabalho, mulheres chefes de família), agora articulados pelas lutas e estudos feministas. Estes reveses, de fato, implicam em dificuldades e resistências ao poder patriarcal, pois colocam em questão a legitimidade deste arranjo, o que influencia bastante as políticas de masculinidades;

b) Relações de produção

Refere-se às divisões de trabalho pelo gênero dos familiares na forma de distribuição de funções, porém igual atenção deve ser dada às implicações econômicas da divisão do trabalho entre homens e mulheres, os dividendos provenientes da divisão desigual dos produtos do trabalho social. Este aspecto é mais frequentemente abordado sob o ponto de vista dos salários, mas o caráter generificado do capital também deve ser analisado. Como propõe Robert Connell:

Uma economia capitalista que funciona baseada na divisão do trabalho de gênero é, necessariamente, um processo generificado de acumulação. Então, não é uma coincidência estatística, mas uma parte da construção social da masculinidade, que os homens e não as mulheres controlem as principais corporações e as grandes fortunas privadas. Por improvável que pareça, a acumulação de riqueza se tornou fortemente vinculada a arena reprodutiva, através das relações sociais de gênero (CONNELL, 1987, p. 102).

c) Relações de *cathexis*:

Trata-se das práticas que moldam e concretizam o desejo, as quais são também um aspecto da ordem de gênero. Consequentemente, podemos inserir os relacionamentos nas discussões políticas sobre gênero, se estes são consensuais ou coercitivos, se o prazer é dado e recebido de forma igualitária. Nas análises feministas sobre sexualidade, muito tem se questionado sobre a conexão entre heterossexualidade e a posição dominante dos homens.

CAPÍTULO 3

A constituição da masculinidade através do corpo também implica dizer que o gênero torna-se vulnerável quando o corpo foge aos ditames do ideal. Se, para as mulheres, estar gorda significa perda de sua feminilidade, seu poder de sedução,; para os homens, o mesmo acontece quando estão flácidos, magros: perdem sua potência (GOLDENBERG et RAMOS In GOLDENBERG, M., 2002, p. 19-40; SABINO In GOLDENBERG, M., 2002, p. 139-187). A esfera corporal é inevitável quando tratamos da construção de masculinidades, mas isso não quer dizer que seja uma questão fixa. O processo corporal, uma vez abordado dentro da área dos processos sociais, torna-se parte da história (pessoal e coletiva) e um objeto de políticas.

Messner et Sabo (1990), em sua pesquisa com atletas aposentados, trazem à tona o histórico de vida interessante destes indivíduos, em que eles demonstram o quanto a pressão por um determinado rendimento, um modelo corporal, uma masculinidade valorizada os fizeram tratar seus corpos de maneira instrumental. Como os próprios autores ressaltam, essa pressão, que também é autoexercida sobre os corpos, leva ao constante estado de estresse e insatisfação com a imagem e a performance que, para mim, é um dos principais motivos para que revistas como a *Men's Health* tenham tão grande tiragem.

Práticas corporais reflexivas, como a que vemos relatada acima, e tantas outras presentes em relatos de praticantes de esportes e *bodybuilding* não são individuais ou internas. Elas envolvem relações sociais (competitividade, trabalho em equipe, hierarquia) e simbolismo (força, potência, escultura corporal). Versões particulares de masculinidade são constituídas em seus circuitos como corpos significantes ou significados incorporados. Através destas práticas corporais reflexivas, mais do que uma história de vida se desenvolve: o mundo social se constitui.

As práticas nunca ocorrem no vácuo. Elas estão sempre respondendo a uma situação. E estas situações são estruturadas de maneira a admitir certas possibilidades e não outras, as discriminando ou hierarquizando. As práticas, assim, constituem e reconstituem as estruturas.

3.1 Discussões sobre masculinidades e corporalidades

Acredita-se que, em grande parte pelos posicionamentos de veículos de mídia, que a masculinidade é fixa e que sua essência encontra-se no fluxo e refluxo da vida cotidiana. Escutamos existir um “verdadeiro homem”, um “homem natural”, uma “masculinidade essencial”. Esta ideia não é apenas utilizada para vender livros e revistas, ela é compartilhada por diversos setores, que vão da religião à psicologia e autoajuda, chegando aos ainda remanescentes debates sociobiológicos sobre as diferenças entre homens e mulheres. Esta “verdadeira masculinidade”, “inata”, é quase sempre pensada como advinda da condição de se possuir um corpo masculino.

Duas concepções sobre o corpo têm se oposto na discussão sobre o assunto nas últimas três décadas: a primeira, que se posiciona no pensamento dominante de que é o corpo que produz as diferenças de gênero através da configuração genética, das diferenças hormonais e nos diferentes papéis que os sexos desempenham na reprodução; a segunda, mais aceita no âmbito das Ciências Sociais e Humanidades, aponta que o corpo está mais para uma tábula rasa onde se depositam os simbolismos sociais também sobre gênero. O que aparece nesta oposição é mais uma variação da discussão clássica das Ciências Sociais sobre a dicotomia natureza x cultura. Há ainda uma terceira abordagem, que busca conciliar as propostas de ambas as visões que descrevi acima: tanto o biológico quanto o social se combinam de forma a produzir as diferenças de gênero.

A explicação biológica para o gênero, em termos de abrangência, veio substituir a concepção religiosa sobre o assunto. Aquela pode ser aferida pela quantidade de programas e reportagens na imprensa massiva que abordam as descobertas científicas relativas às diferenças entre os sexos. As especulações ao redor da masculinidade e da feminilidade ocupam um lugar privilegiado na sociobiologia, e, de tempos em tempos, apresentam alguma explicação evolucionária para comportamentos de homens, mulheres e da humanidade como um todo. Como exemplo desta visão, muitos já devem ter ouvido que a natureza sexualmente predatória do homem é decorrente de seu passado genético como uma espécie de caça.

Os teóricos que adotam essa perspectiva percebem o corpo masculino como portador de uma masculinidade natural originária dos processos evolucionários

pelos quais os corpos passaram ao longo de sua existência. Nossa herança genética implica tendências variáveis à agressividade, competitividade, vida em família, poder, territorialidade, promiscuidade. A lista varia de acordo com as preferências do cientista, mas o eixo central da questão é o mesmo: alguns cientistas percebem as configurações relacionais de poder na esfera do gênero, especialmente o patriarcado, como uma consequência natural do sistema endócrino dos homens e mulheres. O patriarcado seria, assim, baseado em uma vantagem hormonal que torna os homens mais propensos ao exercício do poder político e de dominação sobre as mulheres e entre outros homens.

Esse constructo mental, o patriarcado, que se refere à abordagem das diferenças entre homens e mulheres e à dominação destas por aqueles, é construído de maneira a representar com propriedade uma realidade que se materializa no contexto social que se quer discutir. Ou seja, o vínculo do constructo mental com a realidade é uma “representação pragmática, elaborada segundo a intuição e a compreensão, da natureza específica destas relações de acordo com um tipo ideal” (SAFFIOTI, 2004, p. 100).

Assim, a explicação de uma masculinidade “natural” construída pela sociobiologia e tantas vezes divulgada pela mídia é em grande parte ficcional, uma vez que suas pressuposições se baseiam em diametrais diferenças entre os comportamentos masculinos e femininos que são palatáveis à compreensão de um grande público leigo: não há indício maior de diferença entre homens e mulheres do que suas diferenças biológicas. Porém, a descoberta mais recorrente é que, em se tratando de comportamento, intelecto ou traços de personalidade, não existem, de fato, características a serem mensuradas. Sendo assim, é possível perceber que a teoria da masculinidade natural depende fortemente de uma determinação biológica dos grupos em complexos comportamentos sociais.

O que torna esses argumentos sociobiológicos tão aceitos e populares é a facilidade com que estabelecemos conexões entre eles e a máquina do corpo humano. Um veículo pelo qual a concepção tecnológica do corpo prevalece é a publicação *Men's Health*, com todas as suas referências à eficiência corporal, desempenho sexual e profissional. O poder desta perspectiva está em colocar o corpo como uma máquina que “opera”. Pesquisadores desta abordagem propõem que o cérebro e o corpo estão “conectados” de modo a produzir a masculinidade,

que os homens estão geneticamente “programados” para exercer a dominância e que a competitividade está em seu “bioprograma”.

Essa abordagem vai mais além e encontra o pensamento de Michel Foucault quanto aos corpos disciplinados (1999) através do discurso. Nos dias atuais, os discursos direcionam para o autocontrole em conformidade com os parâmetros sociais estabelecidos para os corpos, sejam eles masculinos ou femininos. Estudos já realizados em relação às mulheres (Sant’Anna, 1995; Berger, 2006) indicam uma crescente definição de um corpo e comportamento generalizado, divulgado especialmente pela mídia, consoante traz Medrado (1997). Através desta imagem, uma série de necessidades relacionadas ao corpo é criada: dietas, cosméticos, moda, exercícios etc. Os corpos são, assim, transformados em objetos sobre os quais nos dedicamos: comendo corretamente, nos exercitando, dormindo a quantidade recomendada de horas. A estas rotinas, Bryan Turner (2008) se refere como práticas corporais que, tanto individual quanto coletivamente, abarcam as maneiras como o trabalho social é exercido sobre o corpo.

Contudo, é essencial frisar que, como demonstram os estudos na área da Sociologia do Esporte (Messner, 1990; Theberge, 1991), as práticas corporais que constituem os regimes seguidos por homens e mulheres e as práticas disciplinares que acompanham esses regimes findam por constituírem corpos generificados. E, para que o que a prática de exercícios e dietas não consigam adaptar ao ideal para os corpos e práticas de gênero, entram em cena as cirurgias plásticas.

As cirurgias plásticas representam um caminho relevante na adaptação dos corpos aos ideais sociais sobre gênero e masculinidades. Nos Estados Unidos, estão se popularizando desde os métodos mais simples e menos invasivos como a aplicação de *botox* (6% de pacientes homens), tratamentos para celulite (14% de pacientes homens) e *peelings* (12% dos pacientes eram homens) até os mais drásticos, como implantes nas nádegas (13% foram colocados em homens), transplante de cabelo (70% em homens) e implantes peitorais (foram realizados 222 procedimentos deste tipo)²⁶. Contudo, podemos inferir, a partir dos percentuais de pacientes homens, que a cirurgia plástica não é tida como um procedimento tão natural quanto para as mulheres, conforme explica Berger (2006, p. 130).

²⁶ Dados retirados do Relatório estatístico de cirurgias plásticas de 2010, divulgado pela Sociedade Americana de Cirurgiões Plásticos.

O construtivismo social traz uma abordagem do gênero e da sexualidade antagônica à proposta pela sociobiologia: ao invés dos arranjos de gênero serem fruto da mecânica e dinâmica dos corpos, o corpo é visto como um espaço onde o social cria suas raízes. As metáforas desta visão são mais artísticas do que para tecnológicas: o corpo é uma tela em branco.

Essa abordagem, embora bastante produtiva, também encontra suas dificuldades, especialmente devido à ênfase que dá ao significador em contraposição ao significado. Este problema é particularmente visível quando se trata da inevitável atividade corporal, do sexo. O construtivismo social é um desencadeamento interessante das conclusões engessadas das teorias anteriores (como a teoria dos papéis sexuais), porém possui uma tendência a descorporificar o sexo. O gênero passa a ser, assim, uma posição discursiva, o lugar social de onde alguém fala; uma performance; ou, a partir das contradições que advêm das vidas generificadas, uma instância de suas próprias metáforas.

O corpo não pode ser ignorado enquanto tal. Os corpos envelhecem, adoecem, parem, generificam. Há uma dimensão irreduzível da experiência material/corporal, em que “o suor não pode ser excluído” (CONNELL, 2005, p. 51). Neste ponto, devemos atentar para o que foi dito na teoria dos papéis sexuais, quando trata de diversos temas relativos à experiência corporal masculina e suas implicações sociais: o sentimento de inadequação sentido por homens impotentes, os comportamentos violentos e de risco.

Podemos, então, compor um modelo de estudo de gênero conciliador que associe tanto a biologia quanto a cultura? Esta é, praticamente, a intenção sob a qual se formulou a teoria dos papéis sexuais discutida anteriormente, ela adiciona um *script* social à dicotomia do biológico. Segundo Robert Connell: “Declarações comedidas da sociobiologia freqüentemente reconhecem uma elaboração cultural do imperativo biológico” (CONNELL, 2005, p. 51) ²⁷.

3.2 Por que não podemos escapar ao corpo?

O corpo, sob a perspectiva foucaultiana, encontra-se sujeito a “poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações” (1975[2011], p.

²⁷ Tradução livre da autora.

126). É, pois, produzido e existe em meio a um determinado discurso valorizado e legitimado tanto institucional, quanto socialmente. Para o autor, estes discursos consistem em conjuntos de princípios que incorporam uma determinada rede de significados que sustentam, geram e estabelecem as relações entre o que pode ser visto, pensado ou dito.

Em sua trajetória de construção de uma história dos corpos, Foucault se preocupou em mapear as relações que existem entre o corpo e os efeitos do poder sobre ele. Isto inclui um exame em como esta microfísica do poder opera na modernidade, todos os seus entranhamentos na subjetividade dos indivíduos, seus corpos, seus gestos e ações cotidianas. O corpo foucaultiano, desta forma, não é apenas o foco do discurso, mas o elo que une, de um lado, as práticas diárias e, do outro, a organização em larga escala do poder.

Ao voltar seu olhar para a disciplina e as práticas de construção da docilidade dos corpos, Foucault encara estes como a materialização de práticas de adestramento, de um controle disciplinador referenciado nas possibilidades de ação de um biopoder como definido no primeiro capítulo. Esta materialização do biopoder sobre os corpos a que me refiro, quando trato das relações de gênero e (re)produção de masculinidades, orienta as relações entre os indivíduos e as construções de subjetividades sobre si e sobre outros: ao dedicar-se ao trabalho sobre o corpo, o indivíduo segue o postulado de Foucault (1975[2011], p. 127) sobre a anatomia do poder, porque, ao aumentar suas forças corporais, diminui sua resistência moral e corporal à dominação dos discursos-verdade, tradicionais e institucionais sobre gênero e sexualidade.

Por sua vez, esses discursos-verdade sobre gênero e sexualidade advêm principalmente dos anos de justificações sociobiológicas para as diferenças entre homens e mulheres, como tratado no capítulo anterior; do reforço que os veículos midiáticos ainda direcionam para este tipo de justificação; das leis e dos costumes que tratam dos lugares sociais de homens e mulheres; e também das elaborações biomédicas para a sexualidade e o gênero. Através destes discursos-verdade, podemos pensar a dicotomia normal/anormal que tanto influencia a corporificação de percepções de gênero entre os indivíduos.

Por meio da legitimação dos discursos-verdade proferidos por diversos sujeitos, a construção de masculinidades é sempre permeada pelo antagonismo entre uma definição ideal do homem (como viril, dominador, agressivo, competitivo)

e outros arranjos de masculinidades que se encontram em oposição ou negociação com o modelo valorizado. Como aponta Saly Wellausen (2006-2007), este ideal acaba por tornar-se referencialmente normativo, e isto implica em uma percepção que coloca como norma uma “medida que serve para avaliar o que está conforme a regra e o que a distingue (...) – a norma torna-se agora o parâmetro para opor normal/anormal, normal/patológico” (p.16).

Em *Vigiar e Punir* (1975[2011]), Foucault irá definir as disciplinas como “poder da norma” que, ao se disseminarem, tornando as relações de poder visíveis, homogeneíza as percepções sobre o espaço social e sua caracterização. Utilizando a alegoria da árvore elaborada pelo autor, gostaria de tornar mais palpável este ponto em que as disciplinas tornaram o corpo dócil e representativo de um determinado modelo de masculinidade.

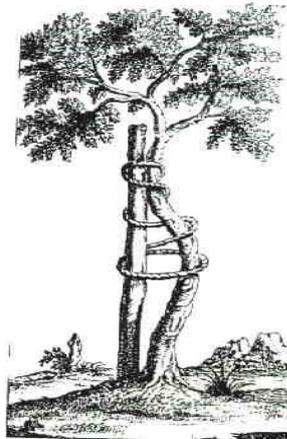


Figura 1 - A ortopedia ou a arte de prevenir e corrigir, nas crianças, as deformidades do corpo. *Vigiar e Punir*, 1975[2011], p.XX

Para Allan Johnson (2005), entender as representações legítimas que tratam de gênero e sexualidade, masculinidades e feminilidades é essencial para compreender como se dá a participação de homens e mulheres nas sociedades. Para o autor, a sociedade ocidental compartilha, em sua descrição cultural do que é másculo e do que caracteriza o homem ideal, qualidades como o controle, a força, a competitividade, autossuficiência, racionalidade etc, valores estes consonantes aos enaltecidos socialmente no mundo atual (p. 7). Esta correspondência, prossegue Johnson, torna evidente a identificação do universo simbólico compartilhado socialmente com elementos associados à “maneira de ser” (idealizada, claro) dos homens.

De modo mais abrangente, além da identificação com o universo simbólico masculino, também a concentração de poder²⁸ pelos homens e o controle exercido pelos mesmos para garantir seus privilégios enquanto categoria social compõem certo tipo de sociedade organizada ao redor de tipos de relações sociais e ideias que serão fundamentais para alicerçar o arranjo patriarcal, como propõe Heleieth Saffioti (2004, p. 121): “o patriarcado se baseia no controle e no medo, atitude/sentimento que formam um círculo vicioso”.

Diante desse ideário, a metáfora da árvore presente em *Vigiar e Punir* nos mostra uma estaca que, a partir da minha interpretação, representa uma norma para a masculinidade com base no modelo patriarcal, indicando um lugar bastante rígido para o homem ser homem. Por sua vez, a árvore, em si torta, remete ao indivíduo que conhece a norma e tem ciência de seus parâmetros, mas que não o impede de questionar e refletir sobre ela moldando suas próprias formas em relação ao esperado. O engessamento, representado na metáfora proposta pelas cordas que unem a estaca ao tronco da árvore, indicam a adequação enquanto prática disciplinadora de corpos e pensamentos necessária ao entrosamento dos indivíduos na sociedade. Este último elemento interpretativo da metáfora da árvore guarda clara referência à extrapolação proposta por Giddens ao pensamento foucaultiano sobre o corpo.

Giddens (2002) propõe que o controle corporal é elemento fundamental para a constituição das autobiografias²⁹ individuais de identidade, e isto porque o corpo materializa as escolhas e as interpretações dos indivíduos sobre o que é dito e não dito no seu mundo social. Tais compreensões particulares dos valores e pensamentos compartilhados socialmente também auxiliam na construção de uma percepção de normalidade que serão transmitidas pelas manifestações individuais de “aparências de normalidade” (p. 59), estas indicando uma clara reprodução da compreensão da pessoa sobre o que é normal.

Em termos de relação com a compreensão de corpo presente em Foucault, Giddens (2002) aponta para a insuficiência daquele autor ao ignorar a dimensão

²⁸ Por concentração de poder, entendo, assim como Johnson (2005) e Heleieth Saffioti (2004), que **é mais provável aos homens que às mulheres** concentrar cargos e funções que indiquem exercício de poder decisório e operacional relevante.

²⁹ Segundo o glossário presente em Giddens (2002), o termo é sinônimo de “trajetória do eu”, que significa a “formação de uma vida nas condições da modernidade, por meio das quais o auto-desenvolvimento, reflexivamente organizado, tende a tornar-se internamente referido” (GIDDENS, 2002, p. 223).

prática do corpo, a dimensão ativa do invólucro e condição reflexiva do indivíduo que o porta. O autor enxerga a aparência corporal, desde os modos de vestir e adornar que são visíveis pelo indivíduo e pelos outros, como um reflexo da postura do indivíduo dentro dos espaços cotidianos. Através da percepção de como o corpo é mobilizado para demonstrar a postura, é possível analisar as ações do indivíduo, o que ele valoriza, como constrói o “sentido coerente de auto-identidade” (p. 95). Ou ainda:

Regimes corporais, que também se referem diretamente aos padrões de sensualidade, são o meio principal pelo qual a reflexividade institucional da vida social moderna se centra no cultivo – quase se poderia dizer na criação – do corpo (GIDDENS, 2002, p. 96).

3.3 Construção de masculinidades, construção de corpos masculinos

A experiência corporal é central nas memórias que armazenamos sobre nossas próprias vidas e também é o nosso entendimento sobre quem e o que somos. Para demonstrar, reproduzo o trecho de um depoimento sobre as primeiras experiências do “sentir-se” homem relatadas a R. W. Connell (2005) por Hugh Trelawney:

Hugh Trelawney é um jornalista heterossexual com aproximadamente trinta anos, que lembra sua primeira experiência sexual quando tinha quatorze anos. De modo incomum, Hugh lembra ter ‘trepado’ antes de ter se masturbado. Sua memória bem elaborada acontece durante uma semana mágica, de ondas perfeitas, seu primeiro drinque num hotel e o ‘início de sua vida’:

A garota era da praia de Maroubra e tinha dezoito anos. O que diabos ela queria comigo eu não sei. Ela deveria ser levemente retardada, emocionalmente se não intelectualmente. Suponho que ela se interessou apenas pela aparência, eu tinha longos cabelos de surfista. Lembrou-me de estar sobre ela sem saber o que fazer e pensando que seria um longo caminho a percorrer... E quando eu finalmente peguei o jeito, eu pensei que era só aquilo. Depois ela moveu sua perna e eu vi que ainda havia muito mais a ser explorado. Depois de umas cinco ou seis metidas, eu achei que iria morrer. Durante aquela semana eu me percebi totalmente diferente. Eu esperava, não sei por que, que começasse a crescer mais pelos pubianos, ou que meu pênis ficasse maior. Mas depois passou, e eu voltei ao normal (CONNELL, 2005, 53).

São inúmeros os relatos semelhantes ao transcrito por parte inclusive de pessoas próximas. Em cada detalhe, percebemos a relação intrincada entre o corpo (a virgindade) e o processo social (perceber-se enquanto homem). Hugh invocou uma associação familiar entre o pênis, o uso do mesmo e a construção de sua masculinidade. Seguindo a mesma lógica, a prática corporal do exercício físico provoca uma constante mostraçã dos corpos, corpos em movimento. Regras

elaboradas cuidadosamente trazem estes corpos para contextos estilizados em que a combinação entre força (tamanho, aptidão) e habilidade (planejamento, prática, intuição) dará forma ao conjunto de características masculinas que são mais valorizadas na sociedade.

A corporificação da masculinidade através da atividade física envolve um padrão completo de desenvolvimento corporal e seu uso, não apenas de um órgão ou de um conjunto de músculos. Sendo assim, a institucionalização da organização da atividade física e a escolha por um determinado estilo de vida e como eles são corporificados definem o conjunto de relações sociais entre homens, por exemplo, a competição e a hierarquia entre estes e a exclusão e dominação das mulheres. Estas relações de gênero podem e são muitas vezes idealizadas e realizadas no contexto do trabalho e performance corporal: as proezas masculinas no âmbito esportivo têm sido interpretadas através do simbolismo da superioridade e proeminência masculina sobre mulheres e outros homens.

As práticas de atividade física, esportiva ou não, ocupam lugar de centralidade na produção de masculinidades em sociedades caracterizadas pela maior escolaridade e pelo declínio da valorização social baseada em demonstrações de proeza física. Para esclarecer, este declínio não indica inexistência, pois ainda há uma grande massa de trabalhadores braçais, e os contingentes militares de países como os Estados Unidos não mostram sinais de encolhimento, mas o atual momento em que estamos indica uma maior valorização de caracteres tidos como masculinos, a exemplo da competitividade e força em âmbitos mais “cerebrais”, como o mercado financeiro. Todavia, demonstrações de atributos físicos ainda são essenciais nas formações identitárias de garotos e adolescentes que, ao serem bem sucedidos durante sua vida escolar na prática de esportes, gozam de certa diferenciação de *status* entre seus pares, como diagnostica David Whitson:

Garotos que são bons nos esportes têm lucrado alegremente deste fato e freqüentemente o vêem como natural. Enquanto isso, outros garotos – pequenos ou estranhos, aplicados ou artísticos, garotos que nunca se interessam por esportes (ou que nunca desenvolvem o interesse por esportes) – precisam encontrar seus próprios caminhos em relação ao esporte ou achar seu jeito de assegurar seu direito à masculinidade (WHITSON, D In MESSNER et SABO, 1990, p. 19).

Na análise de como a atividade física influencia a construção social das masculinidades, duas questões são priorizadas: a) primeiro as conexões entre virilidade/hombridade e o corpo; e b) segundo, a “preservação do macho” através da

identificação com outros homens. Estes dois aspectos são essenciais para ver a atividade física e o trabalho corporal, esportivo ou não³⁰, como um espaço relevante de reprodução de uma masculinidade hegemônica.

3.4 Relações entre masculinidades

Com o crescente reconhecimento das interações que existem entre as situações de gênero, etnia e classe, tornou-se comum a percepção de que existem múltiplas masculinidades: negra, assim como branca, proletária, assim como classe média, entre outras. Esta compreensão é um avanço, mas não o suficiente para prevenir o erro da simplificação: ao mesmo tempo em que não podemos falar de masculinidade, mas de masculinidades, também temos masculinidades proletárias, masculinidades negras, as quais se constituíram a partir da interação de sua etnia e gênero com outros tantos fatores das estruturas sociais. Ou seja, temos que examinar e escrutinar as relações nas quais se inserem os homens.

Atestar, assim, que existe mais de um tipo de masculinidade é apenas o movimento inicial. O foco nas relações de gênero entre os homens é necessário para garantir o dinamismo das análises, para prevenir que as múltiplas masculinidades recaiam em apenas múltiplas tipologias. A masculinidade hegemônica (CONNELL, 1987; 1995a; 2005) não é um tipo característico fixo, sempre e em todo lugar igual. Ao contrário, é a masculinidade que ocupa uma posição hegemônica em um dado padrão de relações de gênero, uma posição contestável e sempre passível de leitura reflexiva pelos indivíduos.

Também o foco nas relações promove ganhos em termos de percepção da realidade. Uma vez reconhecida a multiplicidade das masculinidades, especialmente em sociedades individualistas, como as ocidentais, a abordagem relacional torna mais fácil identificar as obrigatoriedades sob as quais o gênero é formado e os sentimentos relacionados à experiência do mesmo.

A partir dessas considerações, tomemos as práticas e relações que constroem os principais padrões de masculinidade na sociedade ocidental, segundo a categorização proposta por Connell (2005):

³⁰ Na definição do vernáculo sobre o que é esporte, consta que, para ser assim chamada, a prática as atividade física deve obedecer a um conjunto de regramentos e garantir a competição entre os participantes. Vejo a atividade física “livre” como um exercício subjetivado do esporte.

3.4.1 Hegemonia

Este conceito vem da contribuição teórica de Antonio Gramsci, em que o autor analisa as relações entre classes em relação à dinâmica cultural, na qual um grupo reclama e sustenta uma posição de liderança na vida social. Em qualquer momento, uma determinada masculinidade, em detrimento de outras, é exaltada culturalmente. Seguindo esta lógica, podemos definir a masculinidade hegemônica como a configuração de prática que incorpora a resposta comum ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou ao menos deveria garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres.

Mais à frente, veremos como esta configuração se dá nos conteúdos da revista *Men's Health*, na qual, desde sua capa, já podemos perceber que a valorização dos caracteres da dominação masculina encontra-se presente. No entanto, isso não quer dizer que os detentores dessa masculinidade são as pessoas mais poderosas. Eles funcionam mais como exemplos, como atores de cinema, lutadores, personagens de quadrinhos. Os grandes poderosos no âmbito institucional podem estar bem longe de uma masculinidade hegemônica nas suas vidas particulares. Não obstante, a hegemonia apenas se estabelece quando há correspondência entre o poder institucional e o ideal cultural coletivo.

Dessa forma, o modelo de corpo/comportamento, como os que vislumbrei na revista *Men's Health*, encontra alicerces sólidos na cultura do machismo ainda presente no Brasil, o que se comprova pela abrangência da franquía no mundo e a impressionante tiragem que consegue atingir neste país.

É claro que, como qualquer movimento dinâmico, a masculinidade, que atualmente incorpora a estratégica aceita, pode ser erodida pelas mudanças que ocorrem (e ocorrerão) nas bases de defesa do patriarcado. Essas concessões podem ser encontradas quando tratamos do “novo homem”, este que é contemporâneo e vaidoso, que quer assumir maiores responsabilidades parentais etc. Novos grupos podem desafiar velhas soluções e construir uma nova hegemonia, podendo a dominância de qualquer conjunto de homens ser desafiada pelas mulheres. A hegemonia a que ora me refiro é uma relação histórica móvel na qual o fluxo da conjuntura social é o elemento-chave para compreender as já referidas masculinidades.

3.4.2 Subordinação

A hegemonia está relacionada à dominação cultural na sociedade como um todo. Dentro deste panorama, podemos identificar algumas relações de dominação que ocorrem entre grupos de homens. Dentre estas situações, podemos elencar a questão da dominação do modelo heteronormativo e a subordinação de homens homossexuais. Isto é muito mais do que a estigmatização cultural da homossexualidade. Homens *gays* são subordinados pela heteronormatividade por meio de uma série de práticas, até mesmo materiais. A subordinação homossexual ocorre, deste modo, em uma série de aspectos: culturais, políticos e econômicos.

No Brasil, a abrangência se dá desde a exclusão e abuso cultural (como quando os homossexuais viram alvo de práticas e discursos religiosos³¹), atos violentos físicos ou morais³², discriminação econômica e boicotes pessoais (especialmente na esfera familiar).

Esse tipo de opressão acaba por posicionar a masculinidade homossexual no final da fila da hierarquia de gênero entre homens. A “bichice”, no ideário patriarcal, é a característica daqueles que fizeram a opção de abandonar o legado deste ideário e adotar o comportamento e os valores femininos (o cuidar de si, a sensibilidade, a passividade). Por mais que, atualmente, as fronteiras estejam mais flexíveis e que o cuidado de si quando exercido por homens não esteja mais vinculado à homossexualidade, percebi nas revistas que ainda há um cuidado especial na elaboração dos textos que tratam de elementos tradicionalmente ligados ao universo feminino.

Apesar de ser a polarização mais notável, as masculinidades *gays* não são as únicas a serem subordinadas. Alguns homens e garotos heterossexuais são colocados à margem da legitimidade do exercício do modelo de masculinidade hegemônica. É também a este público que a revista *Men's Health* se dirige, em uma proposta de, através do culto ao corpo, transmitir aos portadores de corpos magros, flácidos, obesos, esquisitos, com espinhas, tímidos, entre outros, as qualidades e receitas que os tornarão “aceitos”.

³¹ Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,justica-determina-retirada-de-outdoor-homofobico-no-interior-de-sp,762080,0.htm>

³² Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/04/jornal-feito-por-alunos-estimula-ataques-homossexuais.html>; <http://videos.r7.com/cresce-o-numero-de-ataques-a-homossexuais-no-rio-de-janeiro/idmedia/4e3c8577e4b054dfdf462864.html>

3.4.3 Cumplicidade

Como já exposto, a maioria dos homens não exerce o modelo hegemônico de masculinidade em sua inteireza, contudo, a maioria dos homens se beneficia do dividendo patriarcal, do ganho geral proporcionado pela subordinação das mulheres. Este fato é perceptível através das outras relações que se constroem entre os grupos de homens, como, por exemplo, o relacionamento de cumplicidade com o modelo hegemônico de masculinidade. Masculinidades cúmplices são construídas de modo a reconhecer o dividendo patriarcal sem as tensões ou riscos de serem linha de frente no enfrentamento com os grupos subordinados, marginalizados.

É tentador enxergar as masculinidades cúmplices como um rascunho da hegemônica, mas elas geralmente implicam em algo mais particular. O casamento, paternidade e vida em comunidade costumam envolver uma série de acordos com as mulheres, ao invés de sua pura dominação. Um grande número de homens que usufruem do arranjo patriarcal respeita suas mães e esposas, não são violentos e dividem as tarefas domésticas, mas, ao mesmo tempo, têm a certeza de que o movimento feminista é um bando de extremistas que queimam sutiãs.

3.5 “Corpo de homem”

O instrumento da atividade física e da prática esportiva não é estranho à construção de masculinidades ou à inculcação de valores acerca da virilidade. De fato, tais atividades tiveram participação privilegiada nestes processos. Como colocou Jean Jacques Courtine (1995), o esporte sempre foi tido como um mecanismo privilegiado de socialização de crianças, principalmente garotos, associado à construção de uma consciência sobre o corpo e suas possibilidades representativas, uma vez que os programas dessas atividades eram (e creio que ainda são) pensados de forma a ensinar aos garotos a serem os tipos apropriados de homens (WHITSON, D. In MESSNER et SABO, 1990).

Também, como consta na discussão de Courtine (1995), dois elementos são merecedores de relevo na discussão de atividade física e corpo em relação à construção de masculinidades: a) primeiro, é a associação da potência física com a força moral. Este aspecto está claramente conectado com as transformações da concepção sobre o exercício físico as quais geraram também uma nova maneira de

olhar o corpo (VIGARELLO, G. et HOLT, R. In COURTINE, 2005 [2008]); b) segundo, a preocupação evidente em maximizar e celebrar (quando entre homens) as diferenças entre homens e mulheres. Para este último, basta pensar as prioridades corporais de homens e mulheres na prática de exercícios físicos: os homens privilegiam a parte superior, principalmente em termos de aumento de ganho de massa corpórea, enquanto as mulheres voltam sua atenção para o enrijecimento das partes inferiores, deixando “durinho e empinado”. Este último elemento reforça uma explicação recorrente tanto na literatura de gênero, quanto na construção de identidades sexualizadas, que a masculinidade na maioria das vezes é definida como o que não é feminino, efeminado, mais bruto.

Nesse sentido, é importante pensar no quanto a atividade física, organizada e realizada para/por homens, dedica-se à estruturação de práticas masculinizantes, nas quais são depositadas, pelos próprios praticantes, expectativas acerca de sua capacidade de representar o ideal de masculinidade valorizado por seu grupo. Tanto empenho e expectativa demonstram mais uma vez que o destino biológico é substituído cotidianamente por um caminho autoconstruído pela prática reflexiva. Quanto ao início dessa trajetória, Whitson (1990) coloca que:

Se os garotos apenas se tornassem homens, os esforços descritos para ensiná-los como serem homens seriam redundantes. Podemos sugerir, então, que “tornar-se homem” é algo que os meninos (especialmente adolescentes) trabalham para conquistar. Também podemos sugerir, no entanto, que apesar deste trabalho se desenrolar num contexto de pressões consideráveis de adultos e também de seus pares, uma maneira particular de ser homem irá surgir do corpo e do desejo de cada garoto. (WHITSON, D. In MESSNER et SABO, 1990, p. 22).

Isso nos leva de volta à questão da centralidade do corpo na formação de identidades de gênero e daqui à importância da atividade física (novamente, esportiva ou não) na construção identitária. Assim como proposto por Connell (2005), parte da tomada de consciência de uma identidade masculina se dá no nível do contato com o próprio corpo, tanto na intimidade, quanto na socialização. Este argumento sugere que, em um contexto sócio-histórico em que ainda se valorizam elementos definidores de um patriarcado contemporâneo, aprender a ser homem também é aprender a projetar uma presença física que remeta a um poder latente. Para Whitson (1990), a visão de Connell nos mostra que:

(...) o esporte é empoderador para vários homens jovens precisamente porque nos ensina como usar nossos próprios corpos para produzir efeitos e porque nos ensina a alcançar o poder através de práticas que combinam força e habilidade (WHITSON, D. In MESSNER et SABO, 1990, p. 23).

Essa declaração leva a crer, mais uma vez, que ser masculino quer dizer incorporar força e competência para sustentar também ideologicamente uma sociedade ainda organizada mediante o privilégio masculino, consoante afirma Johnson (2005). Neste momento, recorro de um comentário que meu namorado sempre faz sobre sua adolescência. Para ele, este período consistiu em poucos amigos, magreza, espinhas, *mIRC*, jogos de computador e uma enorme frustração.

Se, como Connell (2005) coloca, nosso senso de “quem sou eu?” está fortemente enraizado nas nossas experiências corporificadas, é razoável pensar que também as relações de gênero que permeiam esta experiência estão fortemente conectadas às práticas corporais. Assim, é correto afirmar que o corpo está no âmago da construção social tanto das masculinidades, quanto das feminilidades, e que é precisamente por isso que as atividades físicas, esportivas ou não, são importantes para compreender a estrutura das relações de gênero.

Como já foi comentado neste trabalho, é mais uma vez necessário reconhecer que as estruturas das relações de gênero a que me refiro são estruturas de poder construídas historicamente, as quais privilegiam o empoderamento dos homens em detrimento das mulheres. Sendo assim, práticas específicas de masculinização ou de feminilização devem ser analisadas segundo as maneiras pelas quais reproduzem essas estruturas, ou seja, a história das práticas masculinizantes não pode ser dissociada dos interesses dos homens em manter seus privilégios.

CAPÍTULO 4

Men's Health lançou sua primeira edição brasileira em agosto de 2006, com a proposta de se tornar um guia de estilo de vida que tratasse de forma prática e objetiva os assuntos relevantes para o homem moderno. Estes assuntos são os que hoje formam as seções principais da publicação: saúde, *fitness*, nutrição, relacionamento, sexo, estilo e carreira.

Como se pode inferir a partir do breve histórico presente no primeiro capítulo, *Men's Health* é a primeira publicação direcionada ao público heterossexual masculino que possui uma estratégia de abordagem de temas considerados delicados para as tradicionais “revistas de mulher pelada”: o corpo, a intimidade e a saúde. Digo delicados, pois, na ampla maioria das revistas voltadas para os homens, este tema encontra-se completamente ausente, sendo abordados apenas os assuntos que valorizam o estilo de vida do homem enquanto “ser da rua”, como vinhos, comida (sem a associação com a questão da nutrição e da saúde) e desempenho sexual, ou seja, apenas o lado hedonista de ser homem.

Como apresentado por Anna Carolina Machado (2005), revistas que tratam da construção de estilos de vida voltadas para o público masculino, assim como as dirigidas às mulheres, buscam associar seu receituário de bem viver à construção, que se dá na esfera individual, aos modelos de masculinidades interpretados pelos leitores como ideais.

Dessa forma, *Men's Health*, desde sua capa, já se coloca em posição de combate a masculinidades tidas como subalternas, representadas nos corpos magros, com espinhas, flácidos ou obesos. São inúmeros os chamados à boa forma e à vida feliz, a qual parece ser consequência óbvia da prática disciplinada e comprometida da atividade física. Como mostram as capas de algumas edições lançadas no ano de 2011 (Figura 2).

Para os leitores das edições, a construção do ideal de beleza divulgado pela revista mostra uma oportunidade de “fazer-se” e “modelar-se”, que aponta para uma condição de satisfação e felicidade inevitáveis. Neste sentido, a relação que se estabelece entre leitor e revista guarda muito do que Nízia Villaça e Fred Góes (1998) argumentam como sendo uma relação de poder e dominação entre a revista, enquanto detentora e divulgadora do conhecimento e dos caminhos para uma vida

feliz, e o leitor, que necessita de forma imediata desta informação. Esta relação revista/leitor é interpretada por mim como análoga ao processo de dominação através da informação que Foucault (1988[2011]) detecta entre os representantes oficiais do saber (medicina, direito, psicologia, religião) e os indivíduos, em relação aos temas referentes à sexualidade e à intimidade a partir da era vitoriana.



Figura 2 - Capas das edições de Janeiro de 2011, Abril de 2011 e Novembro de 2011.

Também ajuda a compreender a posição tutorial da revista se olharmos o fato de que ela oferece, através de seu conteúdo, acesso ao ideal estético de um corpo também dominador (VILLAÇA et Góes, 1998, 46), afinal desde a obra *David*, de Michelangelo, o corpo musculoso é tido como sinal de poder másculo.

Esse ponto de vista de que músculo é másculo encontra-se presente em todas as edições de *Men's Health*. Percebo que esta divulgação ideológica não se dá apenas através das matérias e dos roteiros de exercícios, mas, especialmente, por meio dos recursos imagéticos que ilustram as matérias (cada edição vem acompanhada de um pôster central com um torso bem definido, bronzeado e brilhante, a exemplo dos pôsteres de mulheres nuas que acompanham a *Playboy*) e da terminologia utilizada para fazer referência tanto ao modelo idealizado, quanto ao que foge deste ideal.

Com relação ao corpo enquanto significado de sucesso e satisfação, ou seja, de uma vida melhor, como propõe a revista, a meta principal parece ser com que cada indivíduo consiga acessar os instrumentos que o farão carregar seu corpo enquanto objeto imponente, ao contrário dos “frangotes” e “gorduchos” que os arrastam enquanto fardo que os estigmatiza e marginaliza.

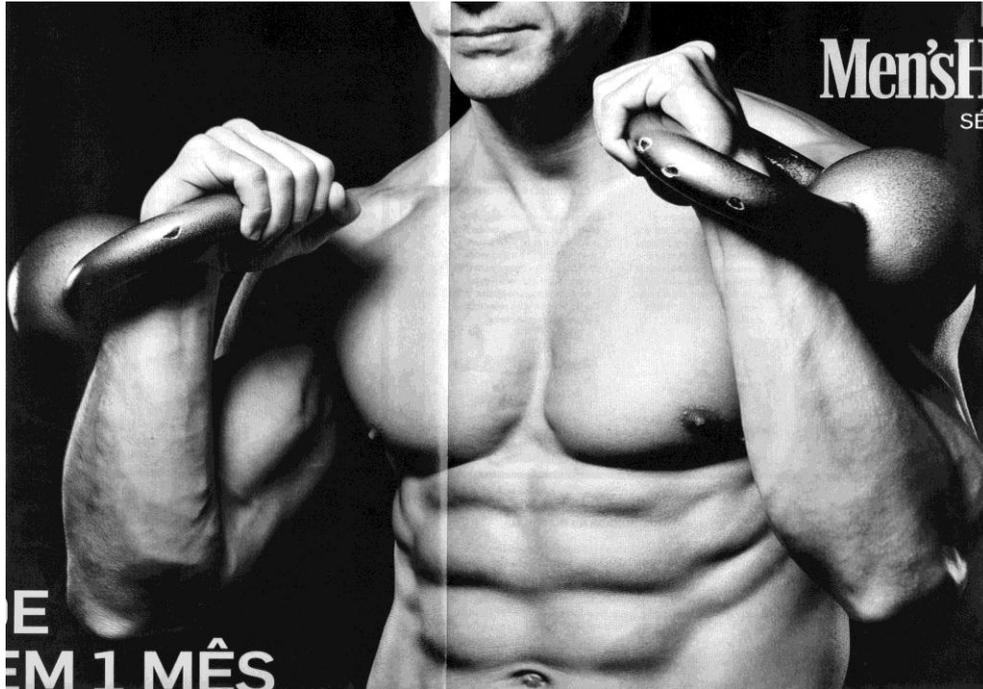


Figura 3 - Pôster nº 58, Fevereiro de 2011

Essa diferenciação primeira e mais evidente entre os corpos ajuda a compreender o antagonismo básico que *Men's Health* estabelece para classificar os homens: aqueles que se imporão no olhar alheio (feminino e masculino) pelas formas trabalhadas e os outros, que se perderão no anonimato das formas corporais relapsas.

De um destino que parece tão dramático, muitos homens têm pressa em fugir, e este imediatismo é claramente percebido por *Men's Health* ao fazer referência ao período de tempo necessário para estar em forma para o verão ou “bombar” o bíceps: “Corpo nos trinquês em um mês!” (nº 60, Abril de 2011); “Construa já o seu tanque!” (nº 61, Maio de 2011); “Detone 4kg em um mês!” (nº 62, Julho de 2011); “Músculo fácil e a jato!” (nº 64, Agosto de 2011); “Abdome sarado em 5 passos” (nº 66, Outubro de 2011).

O caminho para todos esses objetivos é muito simples: treinos aeróbicos, musculação, regimes de carboidratos ou proteínas (a depender se a meta é perder ou ganhar peso), cosméticos (embora com indicações pouco frequentes) e até mesmo cirurgia plástica. De acordo com Courtine (*In Denise Sant’Anna, 1995*), todas estas técnicas de gerenciamento da forma corporal indicam uma obsessão que o autor se refere como “obsessão dos invólucros corporais”:

(...) o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado,

pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de “sua morte próxima (COURTINE, J. In SANT’ANNA, D., 1995, p.86-87).

Para além da busca por um corpo ideal e idealizado, minha percepção de *Men’s Health* inclui a indicação de um trajeto de construção do modelo de masculinidade hegemônico, que, mesmo em dias atuais e reflexivos, ainda valoriza aspectos do arranjo patriarcal, como elencados por Saffioti (2004) e Johnson (2005). Muitas vezes, o conteúdo da revista parece apontar para a conformação de um corpo de guerra: violento e dominador. Esta percepção é fruto da ocorrência de associações metafóricas entre o corpo e palavras e/ou expressões que remetem à beligerância ou que pertencem ao mesmo campo semântico, como tanque, recrutar, aço, turbinar, arma, “bombar”, “braço de ferro”, “paredão de músculos”. Como mostram as chamadas: “Ombros de gigante!” (Seção *Fitness*, nº 65, Setembro de 2011); “Braçada Campeã”, “Vai encarar?”, “Trinque o tanque” (Seção *Fitness*, nº 57, Janeiro de 2011).

Obviamente, não há indícios, em qualquer seção da revista, que o atrito físico violento seja enaltecido ou sequer citado. Todas as referências bélicas, militaristas ou dominadoras são utilizadas para reforçar o caráter benéfico de possuir um “tronco forte e definido, com um peitoral de dar inveja” (nº 57, p. 71). Não parece ser muita coisa, não é mesmo? Afinal, é tanto esforço, suor e disciplina que parece ser mais confortável permanecer onde se está.

Para contestar esse modo de pensar acomodado, *Men’s Health* apela para o lado fragilizado de homens que não se encaixam neste modelo de masculinidade que a revista propõe. Na seção *Mixer* de todos os números, consta o depoimento de um homem que, com comprometimento e disciplina, conseguiu tornar sua vida melhor.

A motivação para cultivar um corpo musculoso varia em cada depoimento, mas é comum perceber uma fuga de uma condição física ou de saúde que aflige os depoentes e parece tornar suas vidas infelizes. A exemplo do que é feito em revistas femininas, o recurso do antes e depois complementa o caráter de legitimidade e eficiência dos instrumentos e orientações indicados pela revista, funcionando como um atestado de veracidade.

Até os 20 anos, ele era "o magrinho". Marcel Batista, de Itanhaém (SP), tinha 60 kg e 1,75 m. Fazia tênis, futebol, comia bastante – muita gordura: "Batata frita era direto", diz. Mas não ganhava peso, algo que queria. "Fingia que não, só que meu apelido entre os amigos me incomodava." Um deles, porém, incentivou Marcel a fazer musculação. O leitor bateu o desafio: aos 24 anos, se estabilizou com 78 kg e numa vida melhor...



Figura 4 - Seção *Mixer* do nº 57, Janeiro de 2011, p. 18

Na construção dos textos de tal seção, os editores se dedicam a destacar tanto a maneira como os indivíduos implementaram os roteiros da revista, com as adaptações que acharam necessárias e que rotina adotaram, quanto os comportamentos que abdicaram e como veem a maneira que se portavam antes. Para Depaulher dos Santos Pires, presente no perfil da edição nº 59, de Março de 2011, sentir-se magro o deixava desconfortável, e seu físico magro o localizava, sob sua perspectiva, em um lugar menos favorecido perante outros homens em espaços coletivos como a praia.

A revista se apropriou de seu depoimento como forma de informar os leitores de que há diferença na rotina de atividade física, na alimentação e no *timing* da construção do corpo para quem possui tipo físico mais magro. Como recurso motivacional, associou a diminuição da vergonha de Depaulher para ficar sem camisa na praia ao necessário compromisso com esta transformação, em certa medida, de vida. Ou seja, o compromisso leva ao sucesso, que leva à aceitação.

No depoimento da edição de Fevereiro de 2011 (nº 58), a revista traz uma personalidade do mundo dos negócios, Amir Slama, ex-sócio da grife feminina de

roupas de banho Rosa Chá³³. Para Amir, sua falta de adequação ao modelo de masculinidade ideal de *Men's Health* se deu na medida em que problemas profissionais começaram a prejudicar sua saúde. Neste sentido, justifica-se a interpretação da editoria da *Men's Health* americana em ampliar os debates sobre saúde do homem discutindo assuntos como carreira, intimidade e lazer.

Morador de Anchieta (ES), Depaulther dos Santos Pires não tinha a forma que acha ideal para curtir de corpo e alma as praias da região. Com 1,83 m e 58 kg, sentia-se magro demais – fazia muito exercício aeróbico, mas comia poucas vezes ao dia e bastante guloseima. “No verão de 2010, não fiquei confortável sem camisa”, conta o estudante de análise de sistemas. Foi o sinal para empreender uma guinada em busca de verões mais promissores. A gente ajudou. Ele conseguiu: tomou gosto pela vida saudável e encorpou...

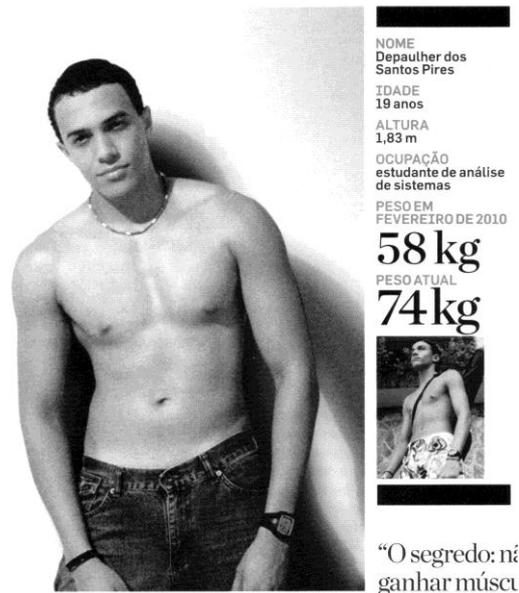
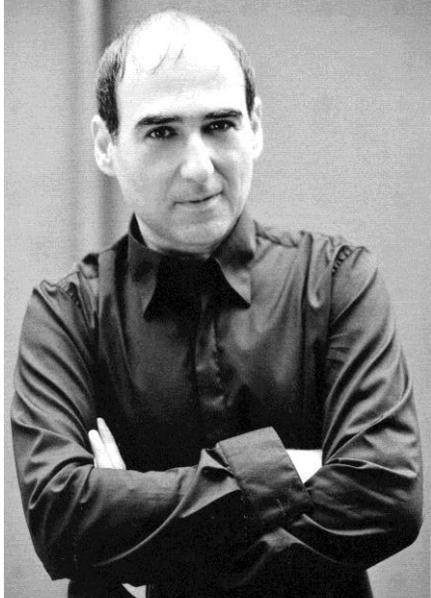


Figura 5 - nº 59, Março de 2011, p. 39

A construção do discurso sobre a necessária adequação de Amir a determinadas regras para garantir o seu bem-estar envolveu uma série de passos para mudar seu comportamento errático (quanto ao álcool, alimentação e exercício físico), de forma a recuperar sua saúde. Neste caso particular, foi citado o uso de medicação para ajuste do metabolismo por indicação de um endocrinologista, algo que não ocorreu nos outros onze depoimentos do *corpus* da pesquisa.

³³ Um aspecto importante da caracterização do público alvo de *Men's Health* é que a revista é, em boa parte, direcionada para homens de classe média-média a classe alta. Apesar de não possuir nenhum levantamento de dados que corrobore essa impressão, basta atentar para as indicações de cosméticos e produtos de tecnologia para perceber que os produtos escolhidos não fazem parte do universo de grande parte das classes C, D ou E.

Hoje à frente da grife homônima, Amir já não fazia esporte devido a agenda cheia. Em 2008, assolado pelo estresse do desligamento da marca que criou em 1993, a Rosa Chá, descuidou da alimentação. Ganhou 8 kg. De 85 kg foi a 93 kg – Amir mede 1,77 m. Em maio de 2010, viu que tinha de mudar, o metabolismo dele estava alterado: comia pratos de volumes, e em horários, atípicos. “De manhã, só café preto. Nada de almoço. Um lanche à tarde. Então, jantava muito”, conta. Uma roubada que ele venceu assim...



NOME
Amir Slama

IDADE
43 anos

ALTURA
1,77 m

OCUPAÇÃO
estilista

PESO EM
MAIO DE 2010
93 kg

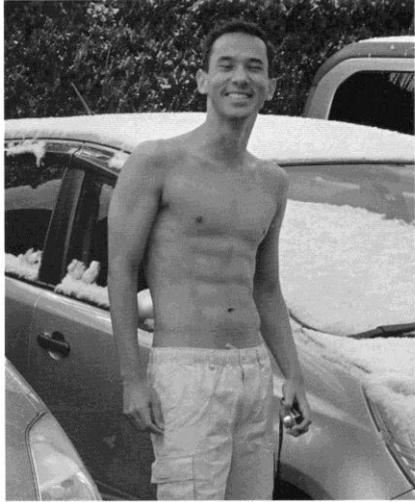
PESO ATUAL
76,5kg



“Sentir o resu
é o grande est

Figura 6 - nº 58, Fevereiro de 2011, p. 21

Até o fim da faculdade, em 2006, Daniel Takata era um cara fit. “Sempre fui magro, fiz esporte, competi em natação”, diz. Mas veio o diploma de estatística e isso mudou. “Com o trabalho, faltou tempo para exercícios.” Em 2007: 1,80 m, 84 kg, 22% de gordura no corpo (um *shape* sarado e saudável tem de 6% a 12%), piada da galera. Para recuperar o físico, o pesquisador da Escola Nacional de Ciências e Estatísticas do IBGE (RJ) não fez cálculo complexo. Em três anos, voltou aos 72 kg e atingiu 6% de gordura corporal com uma equação simples...



NOME
Daniel Takata Gomes

IDADE
30 anos

ALTURA
1,80 m

OCUPAÇÃO
Professor de estatística
e pesquisador

PESO EM 2007
84 kg

PESO ATUAL
72 kg



“Não cortei na

*Fonte: Luiz Guilherme Z. de A. Ballega, personal trainer e especialista em fisiologia do exercício pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Figura 7 Nº 65, Setembro de 2011, p. 40

O caso apresentado na edição nº 65, de Setembro de 2011, mostra como Daniel Takata, ao se descuidar do corpo, com a justificativa da rotina do trabalho, tornou-se objeto de chacota dos amigos pelo peso que ganhou. Com este

depoimento, quero mostrar que qualquer passo fora da linha, como a falta de exercícios, pode comprometer a imagem masculina.

De modo geral, as construções corporais propostas por *Men's Health*, associadas aos depoimentos de quem seguiu suas sugestões e às inúmeras pesquisas de universidades, na grande maioria americanas, que dão sustentação às suas indicações e opiniões, colocam de forma imperativa a necessidade de se adequar a esse modelo corporal, que deixa todos os modelos das capas e os anônimos tão felizes.

4.1 Sexo, amor e relacionamento

Na realidade, em *Men's Health* esse trinômio é quase que inexistente. Em doze edições, apenas três trazem alguma matéria que pressuponha o leitor dentro de um relacionamento: “Morar junto é uma arte” (nº 61, Maio de 2011); “Mancadas sem volta” (nº 64, Agosto de 2011); “Meu segundo casamento...” (nº 66, Outubro de 2011). Isto posto, a prioridade da revista reside em tratar das situações do flerte, do sexo casual e do início de namoro.

Essa condição de intermitência nos relacionamentos masculinos destacada pela publicação me levou a perceber que, no âmbito da discussão sexual, o que é relevante para a revista é a reafirmação, novamente, de um determinado modelo de masculinidade que guarda muitas semelhanças com o pensamento machista. Como coloca Castañeda (2002 [2006]):

De acordo com esta última (sexualidade machista), a identidade masculina depende diretamente da sexualidade. O verdadeiro homem define-se, antes de tudo, por seu desempenho sexual; além disso, nos termos mais grosseiramente quantitativos, que vão desde o tamanho do pênis até a quantidade de suas conquistas e a frequência de suas relações (CASTAÑEDA, 2002 [2006], p. 207).

Após ler e analisar as seções dedicadas a sexo e relacionamentos, não pude deixar de identificar os elementos apontados pela autora. Nos números analisados, identifiquei três preocupações principais: ritual de sedução, desempenho sexual e a necessidade de entender a cabeça das mulheres. Em relação à primeira preocupação da publicação, o ritual de sedução, as matérias giram em torno de tudo o que os homens podem fazer para não serem dispensados, uma vez que esta situação indicaria um atentado direto ao seu estatuto de homem. Segundo Castañeda (2002 [2006]), a sedução é o processo em que “o homem mostra e

expressa seu desejo sexual” (p. 150), e não obter sucesso, ou seja, não conseguir se mostrar irresistível a uma mulher indica uma afronta a uma das principais premissas do machismo sexual: ser irresistível às mulheres.

Ainda segundo a autora, essa irresistibilidade seria fruto da condição de dependência dos homens, em que se encontram muitas mulheres, e da aura de segurança e autoconfiança que os homens se empenham em aparentar perante o sexo oposto. Pode-se notar que a revista em questão dedica, assim, suas matérias nesta área à construção desta imagem segura, o que acaba por também construir uma imagem de tipos gerais de mulheres.

Na edição nº 64 (p. 50-52), de Agosto de 2011, a revista traz a reportagem intitulada “Meu nome é roubada”, que trata de como identificar certos tipos (em número de 10) de mulheres que devem ser evitados por se apresentarem como “armadilhas”. Na verdade, o que a matéria apresenta são tipos de mulheres (se pode ser tão engessado assim) que, de uma forma ou outra, levam a um questionamento do controle que os homens gostam de ter sobre seus relacionamentos. São estes: a galinha (neste termo), a ciumenta, a estagiária, a amiga da filha, a mãe do amigo, a que bebe mais do que o homem, a que não bebe ou é vegetariana, a lésbica e a casada.

As dicas de *Men’s Health* para fugir destas “roubadas” se resumem a encontrar uma maneira de curtir a aventura e ainda sair ileso, pois, cada uma dessas mulheres, em algum momento, irá “mostrar as garras” e se tornar uma enorme “encrenca”. Creio que esta matéria nos mostra uma boa representação do machismo sexual que Castañeda (2002 [2006]) propõe:

A concepção machista do sexo também não concede muita liberdade às mulheres. O medo de ser “dominado” por uma mulher, porque só os homossexuais “se entregam”, faz com que muitos homens rejeitem qualquer iniciativa ou questionamento por parte delas na área sexual. O sexo é o calcanhar de Aquiles dos “verdadeiros homens”, porque é uma área em que dependem das mulheres, mas sem poder admiti-lo abertamente ou assumir os compromissos e as obrigações que isso implica (CASTAÑEDA, 2002 [2006], p. 208).

Quando a ênfase é dada nos rituais de sedução, o texto de *Men’s Health* pesa ainda mais na organização de texto do tipo tutorial, dividida em itens e textos extremamente curtos sobre cada item relevante. No caso particular do caderno Especial de Verão da edição nº 57, de Janeiro de 2011, um dos aspectos centrais é mostrar como seduzir uma garota na praia é fácil. Todavia, pelas dicas divulgadas, o

que se apresenta é um complexo sistema de manutenção do autocontrole em prol da exposição e demonstração de uma imagem atraente.

Já na capa do especial, a mensagem do objetivo central da matéria torna-se explícito, tanto sobre o que ela trata, como também quais os resultados esperados após o indivíduo seguir as orientações propostas. As orientações são um caso a parte de análise, pela sua abrangência de temas e pelas opções de palavras e semântica adotadas na hora da escrita.



Figura 8 - nº 57, Janeiro de 2011, p. 59

Nesse mesmo encarte, na página 60, o título “Destaque-se no frescobol” introduz o texto que mostrará como a prática do frescobol, esporte praiano tradicional, pode, além de queimar calorias, ajudar “a se dar bem”. Apesar do resultado de uma enquete promovida pela própria revista indicar que apenas 4% dos leitores acham que o jogador de frescobol tem mais chance de “se dar bem na areia”, ela aponta que esse é um aspecto positivo para praticá-lo, porque indica baixa concorrência.

O encarte sobre sedução na praia segue além das dicas para seduzir jogando frescobol; aconselha, também, a ler um livro como forma de chamar atenção entre tantos homens na areia e ir atrás do guarda-sol da garota quando o dela se soltar com o vento. Nesta última dica, não faltam analogias ao pênis e à potência sexual:

Você está lá, sentado sob a sombra dele (do guarda-sol). A seu lado, a mesma cena se repete com a mulher dos seus sonhos de verão. Eis que uma ventania lança o guarda-sol dela para longe, enquanto o seu fica ali, **rijo** (grifo meu), impassível. O que você faz? Levanta, salva o guarda-sol da moça e mostra como se **enterra um pau na areia com propriedade** (grifo meu). Golaço! (nº 57, Jan/11, p. 61)

O texto segue com o depoimento da atriz Luciana Vendramini atestando que essa atitude realmente a deixaria interessada no rapaz, e, depois, traz três dicas de como colocar o guarda-sol na areia: “afundando o pau” e “jogando areia na base dele” (e dos outros).

Como podemos perceber, independentemente do tema, a revista consegue trazer a discussão para mais uma maneira do homem reafirmar sua potência sexual e sua força e colocar-se como necessário na vida da mulher que paquera.

Uma vez conquistada, o leitor não pode decepcionar! E aí entra o outro tipo de texto preferido pela publicação para falar aos homens sobre sexo: dicas de como satisfazê-las na cama. Neste tipo de matéria, chama a atenção a permanência do estilo tutorial, em tópicos que dá a ideia de agilidade e simplicidade para alcançar os objetivos: transar mais (nº 59, Março de 2011); ter sexo sempre (nº 57, janeiro de 2011); e, apenas da edição nº 67; de Novembro de 2011, transar sem riscos de DST's. Para chegar a esta desenvoltura ideal vale tudo, até mesmo “dar no couro mesmo estando um bagaço” (nº 65, Setembro de 2011).

A matéria citada acima é bastante representativa do modelo de masculinidade hegemônica valorizado pela revista, que não admite a “brochada” ou a falta de vontade de fazer sexo, nem por cansaço (como aborda a matéria), nem por problemas médicos (nas edições de 2011, não foram elaboradas matérias que abordassem a impotência ou outras condições médicas que acarretem prejuízo do desempenho sexual).

Em letras garrafais a manchete já indica que desistir e dormir não é uma opção, sob o risco de a parceira ir buscar ajuda no vizinho (p. 64). O texto introdutório traça toda trajetória de um dia atarefado e corrido que levaria qualquer homem a desistir de uma transa em prol de um longa noite de sono, mas o que fazer quando se chega em casa e sua parceira está “louca por sexo” (p. 65)? É interessante frisar, ironicamente, que, em momento algum, a matéria coloca que a mulher possa ter outras tarefas diárias que não seja cuidar da casa e do marido, assim, nada mais lógico que ela esteja em casa esperando o parceiro chegar para satisfazer seus desejos.

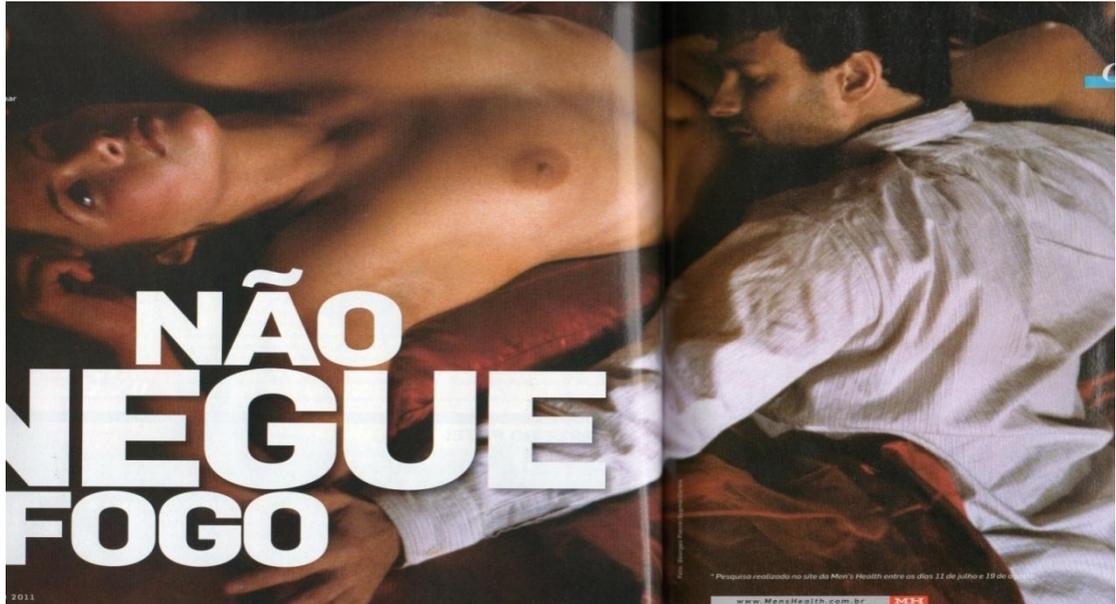


Figura 9 - nº 65, Setembro de 2011, p. 64-65

A reportagem elabora cinco dicas (novamente textos curtos e diretos), com a ajuda de uma terapeuta sexual, para “dar no couro” sem se cansar e sem deixar a parceira a ver navios. As dicas giram em torno de posições sexuais em que a maior parte do esforço seja feito pela mulher e em sugestões para masturbá-la e assim escapar do esforço da penetração. Neste ponto, chamo a atenção para a utilização que é feita destas dicas: elas não servem para ajudar o homem a se familiarizar com o corpo e o prazer femininos, mas para não fissurar sua imagem de sedutor e de garanhão, o que, segundo a matéria, levaria sua parceira a procurar outros homens. É quase inevitável, enquanto mulher, ficar indignada com esse tipo de associação. Assim, seguem alguns trechos publicados em *Men's Health*:

As preliminares são o ponto de partida para o sexo. Mas podem ser um atalho para a linha de chegada quando você não der conta de completar a prova. Essa é a tática usada por 14% dos nossos leitores (em uma pesquisa realizada através do site da revista entre os dias 11 de julho a 19 de agosto de 2011) (nº 65, Set/11, p. 66).

Se a intenção é satisfazer e poupar energia, aposte na posição em que ela fica sentada sobre sua cabeça (...) 20 minutos consomem apenas 15 calorias. A posição tradicional – você deitado de barriga para baixo e de frente para a parceira -, gasta o dobro durante o mesmo tempo (nº 65, Set/11, p. 66).

Você até se anima para o sexo, mas sabe que não vai agüentar até o final caso precise ter o controle da relação. Então, com o mínimo de esforço, deite tranqüilo enquanto ela fica por cima, como na posição *cowgirl* (nº 65, Set/11, p. 67).

Como resultado desejado dessa negociação no quarto, a revista mostra que o saldo positivo consiste em o homem não dar margem a falsas interpretações, nem que não seja capaz de performar o ato sexual satisfatoriamente, nem que esteja perdendo o desejo por sua parceira, até mesmo porque o homem de *Men's Health* é, em grande parte, feito de seu desejo sexual e está sempre “disposto”, como elabora Castañeda (2002 [2006]):

Os verdadeiros homens estão sempre “ardentes”, prontos para o ato sexual a qualquer momento: aquele que recusa uma oportunidade tem uma masculinidade ambígua; aquele que não a aproveita tem uma virilidade duvidosa. O exemplo ideal é James Bond, o agente secreto que sempre quer sexo e cujo desempenho está sempre “à altura”, mesmo quando ele está exausto, ferido ou rodeado de perigos, e mesmo com uma mulher que na realidade deseja matá-lo (CASTAÑEDA, 2002 [2006], p. 208).

De modo geral, os enredos sexuais propostos por *Men's Health*, além de manter a virilidade inquestionável e o controle masculino do que acontece na cama (e em outros lugares), busca incutir no leitor um sentimento de expertise em relação ao prazer feminino que, infelizmente, não vem acompanhado de uma compreensão dos sentimentos e da subjetividade das mulheres, ou, pelo menos, nada que extrapole o objetivo de levá-la para a cama. Esta questão se deve, em boa parte, à valorização de uma masculinidade que reforça o desequilíbrio existente entre as vivências sexuais de homens e mulheres que coloca que, uma vez satisfatória para o homem em termos de intensidade do prazer e frequência, esta também o será para a mulher.

Esse desconhecimento do que passa na cabeça da parceira implica em perguntas que resvalam novamente no machismo, como a realizada por um leitor na seção *Pergunte à vizinha*. Nesta seção, a personagem de Carol Toledo oferece o acesso à “verdade nua e crua sobre as mulheres”, como indicado em seu subtítulo. Na edição nº 59, de Março de 2011, o leitor Maurício F. propõe o seguinte questionamento: “Tenho grana, um carrão e minha namorada é uma deusa. Preciso perder a barriga?” (p. 24).

Como recurso à manutenção da validade do modelo de masculinidade ideal presente em *Men's Health*, a “vizinha” responde:

Mau, mulher nenhuma acha bacana pneus exagerados, não que sua parceira vai querer terminar tudo só por causa de sua barriga. Mas ela pode, sim, começar a achar outro homem com o *shape* em dia mais atraente que você. A partir daí – bem, uma coisa leva a outra – tudo pode acontecer... Até porque sua garota é uma deusa: mulheres gostosas têm mais chance de trocar o parceiro por outro mais desejável. Então, comece

já a fazer um esporte e a balancear seu cardápio (Seção Pergunte à vizinha, nº 59, Março de 2011, p. 24).

Apelando, assim para o senso de competição entre os homens e a necessidade tida como característica de demarcar seu território, a revista usa o recurso do ponto de vista feminino para realçar a situação necessária de manter o corpo em dia para a manutenção de um relacionamento fiel.

Estratégias nesse sentido são recorrentes no discurso de *Men's Health*, algo semelhante ao que é feito por pais e educadores quando da socialização dos meninos, em que estes são expostos aos diversos comportamentos que os definem enquanto seres do sexo masculino, como jogar bola, não chorar, não andar com garotas. O homem deve, dessa forma, preocupar-se com a sua virilidade e também com sua imagem de viril.

4.2 Saúde de ferro: resistindo a tudo!

No que depender de *Men's Health*, o leitor não contrairá sequer um resfriado! As matérias relacionadas à temática da saúde e nutrição referem-se, basicamente, à manutenção de uma performance física que coloca o leitor em situação de “blindagem” a qualquer baque sobre seu corpo.

Durante o ano de 2011, foram tratados temas relativos à ressaca, estresse na vida e no trabalho, erros médicos, saúde geral (no sentido de cuidados gerais com o corpo), hepatite, procedimentos cirúrgicos, longevidade, doenças de verão (como conjuntivite), pressão alta, insônia, dengue, bactérias, atenção com o corpo durante viagens (coluna, alimentação, alergias). E, ao contrário do que foi verificado na pesquisa realizada por Gomes (2008) dentre as oito primeiras edições da revista, a ocorrência de matérias sobre saúde que abordam questões mais íntimas relativas à próstata, o pênis e cânceres nestas regiões estiveram mais presentes nas edições do ano de 2011: *Sem medo do câncer de próstata* (nº 58, Fevereiro de 2011); *Ereção sem mito* (nº 65, Setembro de 2011); *Câncer no testículo? Tô fora!* (nº 66, Outubro de 2011). Ainda assim, permanece, como constatado por Gomes (2008, p. 105), a ausência de discutir a violência como causa de mortandade entre homens.

Em relação à abordagem textual da revista em relação à saúde íntima do homem (que me refiro aqui como sendo a que se relaciona com os órgãos genitais e o ânus), identifiquei uma entonação mais intimista na elaboração do texto, sem

muitas exclamações, e a presença significativa de dados científicos e pesquisas que buscam informar o leitor tanto dos sintomas, quanto dos tratamentos sobre problemas que incidem nesta região do corpo.

Na matéria sobre câncer no testículo, a revista inicia com a estatística alarmante de que 75% dos leitores que participaram da enquete realizada no período entre 31 de Agosto e 19 de Setembro de 2011 nunca foram ao urologista, a ser seguida com um comentário que introduz uma conversa com tom compreensivo sobre o tema, como consta abaixo:

Era uma vez um câncer... No testículo. Além de ser curável em mais de 90% dos casos, a doença não deixa sequelas e a vida segue normal. Confira o depoimento de Bruno Macário, 28 anos, que teve o diagnóstico, fez a cirurgia, se tratou e está inteirado (nº 66, Outubro de 2011, p. 109).

Da leitura da matéria, consegui perceber uma mudança significativa do que foi percebido por Gomes nas primeiras oito edições: a revista mudou o tom da sua fala para introduzir uma percepção, ainda que incipiente, de que assuntos relativos à saúde dessa região do corpo carregam em si uma série de preconceitos, especialmente com relação à vulnerabilidade emocional masculina e sua sexualidade.

No caso particular dessa matéria, esses elementos foram tratados na forma de dois itens no texto: *E a cabeça, como fica?*, que trata do abalo à vida social do homem acometido pelo câncer no testículo e atenta para a necessidade do acompanhamento terapêutico em concomitância ao tratamento clínico; e o quadro *O sexo depois da cirurgia*, que esclarece que a retirada de um dos testículos não acarreta qualquer prejuízo à atividade física. Penso que esta abordagem trouxe um elemento novo de sensibilidade ao trato da vida sexual masculina.

Utilizando o recurso do depoimento do leitor, a publicação busca mostrar que o cuidado é essencial e que a doença é totalmente superável e controlável ao compartimentar a experiência do depoente em etapas que tratam da cirurgia de extirpação do testículo, o tratamento quimioterápico, a vida sexual pós-cirurgia e a sensação de cura. Em cada um destes trechos, foi destacada uma frase que resumia a ideia a ser transmitida pela matéria.

No caso um tanto mais emblemático do ideário machista sobre sua performance física em relação à saúde, a edição de Setembro de 2011 (Seção *Mixer*, nº 65, p. 34) traz a discussão da disfunção erétil. Através de quatro

brevíssimos parágrafos, que dividiram a página com um *box* sobre doenças respiratórias, a revista trata, ainda mais timidamente do que homens que sofrem de disfunção erétil, de desconstruir quatro mitos a respeito desta condição: se é um problema a ingestão de álcool associada à medicação para disfunção, se esta é apenas fruto de problemas psicológicos, se os remédios são a única forma de tratamento e sobre o aspecto geracional da ocorrência da disfunção erétil entre os homens.

Da maneira como foi abordada, uma condição de ocorrência considerável (16% dos homens entre 20 e 75 anos sofrem de dificuldades persistentes de ereção, de acordo com o levantamento do *British Journal of Urology*, s/d) se mostra como alvo de profunda vergonha e atentado à ideia de performance sexual infalível e sempre eficiente, como tratada por Castañeda (2006), e acaba por reforçar que a incapacidade em atingir ou manter uma ereção, de fato, confirma uma rachadura na masculinidade do acometido.

Em apenas uma edição (nº 58 de Fevereiro de 2011), o câncer de próstata foi abordado diretamente. Esta região, das nádegas, no homem é cercada de concepções à respeito da confirmação da masculinidade e da sexualidade dos homens, como bem demonstrou Roberto DaMatta (1997) em seu relato sobre as brincadeiras que vivenciou em sua infância e adolescência, cujo alvo era essa região, que tinham a finalidade de constituir uma masculinidade viril quando era jovem.

Também nessa matéria, identifiquei um avanço em relação à abordagem anterior da revista, criticada por Gomes (2008, p. 105-106), que apontava a falta de discussão e aprofundamento do texto em relação a um tema cercado de mitificações e receios por parte de tantos indivíduos. Nos excertos *Preconceito x Sobrevivência* (nº 58, p. 66) e *Reaprendizado* (nº 58, p. 67), a abordagem gira em torno de esclarecer o leitor da insuficiência do exame PSA e que o desconforto e preconceito com o exame do toque retal deve ser superado em prol do rápido diagnóstico. Já no segundo tópico, é enfatizado o reaprendizado do corpo devido ao pós-operatório e suas influências na vida sexual, como a falta de ereção e/ou de ejaculação. Nestes dois subtextos, as adversidades são tratadas como um “preço a pagar” pela saúde e a vitória sobre o câncer.

De modo geral, a maneira como *Men's Health* trata a saúde do homem não implica em diferenciação à maneira como trata outras esferas da vida do homem

como o sexo ou o corpo. Continuam presentes os elementos textuais que garantem a valorização de aspectos da masculinidade associados ao arcabouço patriarcal à maneira do que já foi discutido nos capítulos anteriores. Neste sentido, permanecem na abordagem da temática saúde também as analogias mecânicas e belicosas presentes na discussão sobre sexo e desempenho sexual e também sobre trabalho corporal (turbinar, blindar, forte), com o porém de, nas matérias sobre saúde, abrir mais espaço à vulnerabilidade do homem frente às doenças e à comportamentos de risco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura recente sobre masculinidades, estando ela associada ou não aos ritos corporais, indica, como exposto por Badinter (1992) e Nolasco (1993), uma condição masculina mais receptiva ao tratamento de questões que envolvam sua sensibilidade e vulnerabilidade em seus relacionamentos interpessoais e sociais. Parte desta mudança seria resultado de uma transformação da intimidade, como proposto por Giddens (1993), advinda de uma maior percepção de que essas relações, especialmente entre homens e mulheres, enfrentam momentos importantes de negociação quanto ao espaço de cada um tanto na vida íntima, quanto na social.

Sob essa perspectiva, foram raros os momentos de contato com a revista em que, de fato, pude corroborar a visão de uma transformação masculina. Isto não significa dizer que nego sua ocorrência em outras esferas. Contudo, o que percebi foi que, mesmo quando a revista se coloca em posição de discutir temas como moda, beleza e comportamento e outros assuntos até então tidos como femininos, estes são tratados de forma a embasar uma visão de mundo ainda patriarcal, em que o homem mantém o controle e é o centro das discussões. Também a escolha e elaboração dos conteúdos favorecem a já conhecida concepção de que a masculinidade (no sentido de ser macho) do homem está em constante processo de provação. Neste sentido, o corpo masculino é sempre abordado como expressão da capacidade masculina de auto-controlar sua experiência social, utilizando seu corpo como a representação material da ordenação sob a qual organiza sua vida. Também a competição homosocial, como abordada por Kimmel (1998, p. 112-113), incitada pela revista leva à desvalorização de qualquer outra forma de manifestação de masculinidades acarretando a distribuição desta em modelos hegemônicos e subalternos/marginalizados como apontado por Connell, (1987, 1995, 2005). Ou seja, quer seja o assunto um treino eficiente para bombar os músculos ou a nova coleção de inverno para calçados, os elementos textuais, como manchete e redação, e também os termos utilizados, giram em torno de garantir a centralidade na figura do homem, elemento essencial do arranjo patriarcal, como elaborado por Johnson (2005) e corroborado por Saffioti (2004).

Outro elemento importante é a minha percepção através da utilização da teoria foucaultiana sobre disciplina e corporificações do poder e de sentidos sobre o mundo, presente nas edições da publicação, a cada momento em que o homem é chamado a se adequar a um modelo de agir e a uma forma corporal. Este processo foi identificado, principalmente, através do uso de uma linguagem baseada na camaradagem e da construção temporal que busca construir uma situação de urgência que, ao convencer os leitores da necessidade de uma determinada forma física ou comportamento social (íntimo ou não), dota os corpos de docilidade, tornando-os mais receptivos ao receituário da publicação sobre o que é viver bem, consolidando até mesmo a ideia de que este processo se dará de maneira fácil, como proposto no subtítulo presente em todas as edições.

A complementação da teoria de Foucault proposta por Giddens, que trata da reflexividade dos sujeitos, foi essencial para perceber que revistas como *Men's Health*, em certa medida, tornaram-se essenciais para o tipo de homem que considera suas dicas úteis como orientações para constituir o seu estado de segurança ontológica, utilizando-as para guiar sua própria maneira de estar no mundo e ser percebido por ele. Isto ficou evidente nos depoimentos comentados, em que os indivíduos, a partir de um roteiro original proposto, elaboram uma adequação à sua realidade (seja na rotina de exercícios, no cardápio da alimentação etc) que também os auxiliará a alcançar esse lugar central na vida social e na vida do indivíduo.

Na esfera das relações afetivas, penso ser este um dos grandes momentos de retrocesso para a publicação. Retrocesso, pois retifica a disputa de espaço e o domínio das rédeas da relação com suas parceiras. Mesmo quando a revista os orienta a explorar os corpos, desejos e sensações das mulheres, este aconselhamento se dá na perspectiva de fazer-se o rei do universo emocional da parceira, o que indica uma visão muito retrógrada, na medida em que o avanço das lutas feministas dentro e fora de casa trilhou um caminho de igualdade e companheirismo, algo que, pelo menos nas edições analisadas, não se materializa no discurso da revista.

Também a esse respeito, a visão sobre a mulher enquanto ser irracional e, em muitas matérias, inferior, coloca *Men's Health* em franca contraposição à possibilidade de existência de relações generificadas mais justas e igualitárias.

Pergunto-me se o homem que *Men's Health* tenta produzir seria capaz de encontrar, e, encontrando, se seria capaz de respeitar sua parceira afetiva.

Frente ao exposto e às considerações que pude traçar através do contato com a revista, vejo que a possibilidade de um homem realmente novo está intimamente conectada com a maior dedicação da revista em trabalhar a vulnerabilidade masculina, não apenas com relação à sua saúde (como foi iniciado), bem como o maior acesso à discussão sobre sensibilidade e vulnerabilidade permeando outros espaços da vida do homem: relacionamentos, família, trabalho e até mesmo a conformação de seu corpo. Até o momento da escrita destas impressões, apenas notei nessas discussões o viés do exercício do poder baseado em uma vantagem que estabelece através da submissão de mulheres e outras masculinidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. **Textos escolhidos**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Coleção Os pensadores).

BADINTER, E. **XY – On masculine identity**. New York: Columbia University Press, 1995.

BAPTISTA, I. et ABREU, K. **A História das revistas no Brasil**. s/d. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>>

BARBIERI, T. Sobre la Categoría Género – Una introducción teórico-metodológica. **Revista Debates em Sociologia**, n. 18, p. 01-19.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRET, F. The Organization construction of hegemonic masculinity: The case of the US Navy. In WHITEHEAD, S. et BARRET, F. **The masculinities reader**. Maldon, MA: Polity, 2004, p. 77-99.

BERGER, M. **Corpo e Identidade feminina, 2006**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEM, S. L. **The Lenses of Gender – Transforming the debate on sexual inequality**. Yale University Press, 1993.

BLY, R. **Iron John – a book about men**. Addison-Wesley Publishing Co., 1990

BONI, F. Framing Media Masculinities: men's lifestyle magazines and the biopolitics of the male body. **European Journal of Communication**, 17 (4): 465-478, 2002.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTAÑEDA, M. **O Machismo Invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

CASTRO, A. L. **Culto ao Corpo e Sociedade – Mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009.

CHODOROW, N. **The Reproduction of Mothering**. University California Press, 1999.

CONNELL, R. W. **Gender & Power**. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

_____. **Políticas da Masculinidade. Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 20, n.2 jul/dez, p. 185-206, 1995a.

_____. **Masculinities.** Berkeley, LA: University California Press, 2005.

VIGARELLO, G. et HOLT, R. O corpo trabalhado – Ginastas e esportistas do século XIX. *In* CORBIN, A.; COURTINE, J. J. et VIGARELLO, G. **História do Corpo – 2. Da revolução à Grande Guerra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COURTINE, J. J. Os Stakhanovistas do Narciso – Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. *In* SANT'ANNA, D. **Políticas do Corpo – Elementos para uma história das práticas corporais.** São Paulo: Estação Liberdade, 2005, pp. 81-114.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 2007.

FISKE, J. **Television Culture – Popular pleasures and politics.** New York: Methuen & Co. 1987.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade I – A vontade de saber.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Vigiar e Punir – Nascimento da prisão.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

FRIEDAN, B. **The Second Stage – With a new Introduction.** Harvard University Press, 1998.

GIDDENS, A. **A Transformação da Intimidade – Sexo, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.

GOLDENBERG, M. et RAMOS, M. A Civilização das Formas: o corpo como valor. *In*: GOLDENBERG, M. (org.) **Nu & Vestido.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMARIZ, E. Los Estudios de Género y sus Fuentes Epistemológicas – periodización y perspectivas. **Série Estudios Sociales**, n. 38.

GOMES, R. **Sexualidade Masculina, Gênero e Saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARDING, S. **Feminism & Methodology.** Indiana: Indiana University Press, 1987.

JOHNSON, A. G. **The Gender Knot – Unravelling our patriarchal legacy.** Philadelphia: Temple University Press, 2005.

KLEIN, A. **Little Big Men – Bodybuilding, subculture and gender construction.** New York: State University of New York Press, 1993.

KIMMEL, M. **La Production Teórica sobre la Masculinidad : Nuevos aportes, Isis International – Ediciones de las mujeres, 17 : 129-138, 1992.**

KIMMEL, M. A Produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Revista Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, RS : 1998, pp. 103-117.

LERNER, G. **The Creation of Patriarchy.** Oxford University Press, 1986.

MACHADO, A.C.A.M. Identidade e estilos de vida nas revistas masculinas: uma questão de gênero. *In: ENCONTRO DE NÚCLEOS DE PESQUISA DO INTERCOM, 5, set. 2005.* Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1178-1.pdf>>

MAJORS, Cool pose: Black masculinities and sports. *In* WHITEHEAD, S. *et* BARRET, F. **The masculinities reader.** Maldon, MA: Polity, 2004, p. 209-217.

MEAD, M. **Sexo e Temperamento.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

MEDRADO, B. **O Masculino na Mídia:** repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira, 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1997.

MESSNER, M. *et* D. SABO. **Sport, Men and the Gender Order – Critical Feminist Perspectives.** Champaign, Illinois: Human Kinetics Books, 1990.

MESSNER, M. **Power at Play - Sports and the problem of masculinity.** Boston, Massachusetts: Beacon Press, 1992.

MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F. *et* GOMES, R. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas – A segmentação da cultura no século XX.** São Paulo: Olho D'Água/ FAPESP, 2001.

MORT, F. **Cultures of Consumption – Masculinities and social space in late twentieth-century Britain.** New York: Routledge, 1996.

NOLASCO, S. **O Mito da masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PATEMAN, C. **O Contrato sexual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PETERSON, T. **Magazines in the 20th Century.** University of Illinois Press, 1964.

PLECK, J. **The Myth of Masculinity.** Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1981.

QUINTAS, F. **Sexo à moda patriarcal – O feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre**. São Paulo: Global, 2008.

SABINO, C. Anabolizantes – Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. (org.) **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SAFFIOTI, H. Contribuições Feministas para o Estudo da Violência de Gênero. **Cadernos Pagu**, n.16, 115-136, 2001.

_____, H. **Gênero, Patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

SANT'ANNA, D. **Políticas do Corpo – Elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SANTOS, W. Modelos de Masculinidade na Percepção de Jovens Homens de Baixa Renda. Santa Cruz do Sul. **Revista Barbarói**, n.27, 2007.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2009.

SCOTT, J. Gender: a usefull category of historical analysis. Obra consultada: Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n.2 jul/dez, p. 71-99, 1995.

THEBERGE, N. **Reflections on the Body in the Sociology of Sport**, 1991.

TOLSON, A. **Os limites da masculinidade**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1983.

TURNER, B. The discourse of diet. In FEATHERSTONE, M.; HEPWORTH, M. et TURNER, B. **California: Sage Publications**, 2008, p. 157-169.

VILLAÇA, N. et GÓES, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Vol.1. Brasília: Editora UnB, 2009.

WELLAUSEN, S. Os dispositivos de poder e o corpo em Vigiar e Punir. **Revista Aulas**, n. 3, dezembro de 2006 – março de 2007, p. 1-23.

WELZER-LANG, D. A Construção do Masculino – Dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, n.2, p. 460-482, 2001.

WHITEHEAD, S. et BARRETT, F. **The Masculinities Reader**. Polity Press, 2004.

WHITSON, D. Sport in the social construction of masculinity. In MESSNER, M. et SABO, D., **Sport, Men and the Gender Order**. Illinois: Human Kinetics Books, 1990, pp. 19-30.